

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

RACHEL FLESCH

MATERNIDADE E DESAMPARO: UM ESTUDO PSICANÁLITICO

SÃO PAULO
2021



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RACHEL FLESCH

MATERNIDADE E DESAMPARO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para a graduação em Psicologia, sob orientação da Prof. Doutora Rosa Maria Tosta.

SÃO PAULO
2021

Agradecimentos

Este um ano de trabalho foi repleto de muita aprendizagem e dedicação. Não posso deixar de lado os desafios que um trabalho dessa proporção demanda e, para além disso, em meio a uma pandemia. Então, tiro aqui um momento para agradecer àqueles que, de sua maneira, iluminaram ainda mais meu caminho e me acompanharam nessa fase tão importante.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer meus pais, Eli e Roberto, que me acompanharam de perto, sempre me incentivando pelo meu melhor e acolhendo em momentos difíceis. Passar uma vida agradecendo vocês por todo amor e carinho que sempre tiveram comigo seria pouco. Foram vocês que, através de todo o apoio, possibilitaram eu me tornar a pessoa que sou hoje. Tenho em vocês a certeza do amor e de morada. E qualquer agradecimento que eu faça será pouco perto do amor pelos dois.

Aos meus irmãos, Jorge e Sophia, que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis. Perto do que mereciam, falo pouco o quanto amo os dois. Mas deixo aqui escrito que não seria ninguém se não fosse por eles. Jorge, com todo seu companheirismo e afeto, e Sophia, com sua verdade e graça, não poderia escolher companheiros de vida diferentes.

Agradeço a Julia, que me acompanha desde o primeiro dia de faculdade. Minha companhia 24/7, minha topa tudo, minha parceira de carona, de cantorias, de veganismo, de conversas profundas e não tão profundas. A quem poderia passar uma vida do lado e nunca me cansaria. Sua amizade me torna cada dia melhor. Te agradeço pelo apoio e respeito de sempre. Tenho em você e em nossa amizade a mais pura certeza.

Roberta, minha amiga de fim de mundo, a quem sempre tive um imenso carinho e inspiração. Foi quando nos vimos isoladas e sozinhas que a amizade floresceu ainda mais. Hoje temos um inesgotável jardim de flores. Te amo e te admiro. Minha maior e melhor sintonia. Te agradeço por ser você e por assim exatamente como é comigo. Uma vida é pouca para nós.

Agradeço a Anaíse, Leticia e Giulia amigas que a faculdade me deu e que tornaram essa fase da minha vida ainda mais bonita do que já era. Sem vocês a faculdade não teria graça e eu não seria quem sou hoje. Parceiras de profissão e de vida. Amo vocês e espero estarmos sempre juntas, nos apoiando e comemorando as conquistas de cada uma.

Finalmente, às Marias Eugénias da minha vida. Agradeço a amizade, confiança e lealdade. Palavras são pouco para vocês duas. Mãe, tenho em você minha dupla para tudo, a quem a risada é certa e a verdade mais ainda. Amo sua pureza e sua inocência. Te amo e tenho orgulho da pessoa que se tornou. Mais orgulho ainda da nossa amizade e de quem eu sou ao seu lado. Maro, minha amiga de vida, minha primeira amiga e minha maior certeza. O tempo passa e a cada dia tenho mais admiração pela mulher que se torna. Você é luz e poder te chamar de amiga de vida é uma honra. Te amo com todas minhas forças.

Às minhas queridas amigas que o Porto Seguro me deu: Maria Carolina, Beatriz e Celina. Agradeço a amizade e confiança de sempre. Amigas que sei que posso contar e que também podem contar sempre comigo. O tempo passa e nada muda, tenho em vocês o significado de amizade verdadeira.

Agradeço às minhas avós, Lore e Antônia. Com vocês aprendi a ser uma mulher forte e sem medo da vida. Tenho muito orgulho das mulheres à frente do seu tempo que são e do imenso amor pela família.

E aos meus avôs, Jorge e Lucas, aos quais tenho muito carinho e admiração pela inteligência e sabedoria.

Agradeço à todas minhas tias, tios e primos, que sempre estiveram presentes em minha vida e tem uma grande parcela pela minha felicidade. Em especial à tia Nilda, que me acompanha todos os dias, com seu jeito único e especial.

A seguir agradeço a todos os professores, supervisores, orientadores e mentores que já passaram por minha vida e deixaram uma sementinha de aprendizado. À Ana Raquel Ribeiro, que fez meus olhos brilharem pela primeira vez pela psicanálise, agradeço a transmissão sensível e cuidadosa. À Rosa, que me acompanhou durante todo este trabalho

e me deu forças para fazer meu melhor, sempre acolhendo minhas ideias. E à Flavia, pela disponibilidade em ser minha parecerista e pelo interesse pelo meu trabalho.

À tantos outros que passaram por minha vida e também merecem agradecimento.



Thalita Dol, 2019

RESUMO

A maternidade é uma experiência única na vida da mulher, no entanto, sabemos que ela é cercada de complexidade, de modo a envolver tanto o afeto como o lugar da mulher na sociedade. Sabendo que a mulher vem conquistando mais seu espaço, se fez necessário um trabalho em que estudasse aquilo de que ainda pouco se fala. A gestação seria o ponto de partida para esta nova fase, que se inicia pelas mudanças corporais. Para além das transformações físicas, o corpo convoca o psiquismo para a mudança, de forma que a mulher passa por intenso investimento pulsional. A gestação seria um período cercado de sentimentos, questões e conflitos, entre eles, se destaca o temor ao bebê, o luto pela mulher perdida, uma vez era filha e agora mãe, e a possibilidade de reelaboração de conflitos infantis. Isso a partir da concepção de maternidade para a psicanálise. Assim, considerando os sentimentos ambivalentes que cercam a maternidade e outros aspectos psíquicos, este estudo faz uma articulação com o conceito freudiano de desamparo. Para tal, realizou-se pesquisa bibliográfica em diferentes bases de dados, incluindo livros e artigos sobre a temática na psicanálise. Coloca-se o desamparo como uma condição estruturante do psiquismo, isto é, condição insuperável, em que diante de um estado de excitações em excesso, se busca a descarga total. Para lidar com isso, se fala na gestão do desamparo, que seria a forma de construir destinos para a pulsão. Então, a partir da ilustração literária, “Mãe recém-nascida” (2019), se tornou possível a articulação da maternidade e do desamparo. Uma vez que se nota que esta fase de início de maternidade poderia ser entendida como o nascimento da própria mãe.

PALAVRAS-CHAVE: Desamparo; Maternidade; Psicanálise

ABSTRACT

Motherhood is a unique experience in a woman's life, yet we know that it is surrounded by complexity. It involves both affection and the woman's place in society. Knowing that women have been conquering more space, it was necessary to study what is still little talked about. Pregnancy would be the starting point for this new phase, which begins with physical changes. Besides the physical transformations, the body calls the psyche to change, so that the woman goes through an intense pulsional investment. Pregnancy would be a period surrounded by feelings, issues and conflicts, among them, the fear of the baby, the mourning for the lost woman, once a daughter and now a mother, and the possibility of reworking childhood conflicts stand out. This from the conception of motherhood for psychoanalysis. Thus, considering the ambivalent feelings that surround maternity and other psychic aspects, this study made an articulation with the Freudian concept of helplessness. This concept is characterized as being a structuring condition of the psychism, that is, an insurmountable condition in which, when faced with a state of excess excitations, one seeks total discharge. To deal with this, we talk about the management of helplessness, which would be the way to build destinations for the drive. Then, from the literary illustration, "Mãe recém-nascida" (2019), "Newborn Mother", as a free translation, it became possible to articulate these concepts. Since it is noted that this phase of the beginning of motherhood could be understood as the birth of the mother herself. Finally, it is worth pointing out that for this study, searches were made in different databases, searching for books, texts and articles on the topic

KEY WORDS: Helplessness; Motherhood; Psychoanalysis

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Objetivo	12
2	MÉTODO	13
3	A MATERNIDADE A LUZ DA PSICANÁLISE	15
4	PROCESSOS PSÍQUICOS NO INÍCIO DA MATERNIDADE.....	23
4.1	A gravidez na vida de uma mulher	23
4.2	Sobre a ambivalência.....	25
<i>4.2.1</i>	<i>Vida que nasce x mulher que morre</i>	<i>27</i>
<i>4.2.2</i>	<i>Corpo que convoca para a mudança.....</i>	<i>28</i>
4.3	Os sintomas.....	31
4.4	Reelaboração de conflitos anteriores	35
5	O CONCEITO FREUDIANO DE DESAMPARO.....	39
6	ARTICULAÇÃO ENTRE O DESAMPARO E A MATERNIDADE.....	46
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
8	REFERÊNCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

Pensar sobre a maternidade atualmente, evoca a noção de que, de certa maneira, esta evoluiu, não mais é algo natural e inscrito na mulher e passa a ser entendido como uma escolha. No entanto, questiona-se se a imagem idealizada da maternidade também caminhou em um sentido de desconstrução. A sociedade tem imagem formada do que é ser uma boa mãe, do amor e instinto materno. E aquilo que vai em sentido contrário muitas vezes é visto como algo anormal. Assim, as mulheres-mães que sentem ou pensam em algo que passa por um caminho diferentes daquilo se espera de uma mãe, muitas vezes acabam por silenciarem-se.

Se tornar mãe no Brasil é um papel que mudou com o tempo. Venâncio (2002, *apud* Resende, 2017) propõe que a concepção de maternidade no Brasil construiu-se a partir da negligência e alta mortalidade de crianças no século XVII, o que fez com que Igreja e Estado atuassem lado a lado para estimular o cuidado com a infância e a criticar severamente as práticas de aborto e abandono. A partir disso, a Igreja passou a impor normas de matrimônio e conduta sobre as mulheres. Moreira (2009 *apud* Resende, 2017) ressalta que, assim, a vida feminina passou a significar o bom desempenho doméstico e assistência moral à família. Isso através de uma noção de que este seria seu papel natural como mulher.

Historicamente as mulheres ficaram ausentes do espaço público e confinadas no espaço privado, uma vez que se exigia o cuidado com seus filhos. Até o século XVIII, as mulheres foram excluídas do processo educacional formal, assim, sua educação se baseava em convencê-la de seu papel submissa ao seu pai e/ou marido. (Scavone, 2001 e Ariès, 1986 *apud* Resende, 2017)

Com o advento da Revolução Industrial inúmeras mudanças ocorreram no modo de produção e, conseqüentemente, na organização de trabalho feminino, já que se buscava aumentar a produtividade. Além disso, o contexto de duas Guerras Mundiais implicou o acesso da mulher no mercado de trabalho. Portanto, as mulheres começaram a conquistar seu espaço para além do espaço privado. (Moreira, 2009 *apud* Resende, 2017)

De encontro a isso, com o advento do movimento feminista, a maternidade passa a assumir uma dimensão reflexiva a ser analisada, tanto no financeiro, social e cultural das mulheres e do casal. O movimento feminista iniciou a luta pela equidade de gênero e também a desconstrução da noção de maternidade como destino feminino. Badinter (2011) afirma que a partir do momento em que a maternidade se torna uma escolha, não mais é possível falar sobre o desejo universal pela maternidade. Assim, o desejo em ter filhos acaba muitas vezes por entrar em conflito com outros imperativos da vida da mulher.

Pensar que o papel da mulher na atualidade foi se alterando e conseqüentemente seus desejos se faz pensar em como a construção de uma nova identidade feminina implica na materna. Assim, a maternidade não mais é um propósito natural para a mulher e sim uma das infinitas possibilidades de desejos. No entanto, ainda assim podemos pensar que aquelas que se encontram diante da maternidade enfrentam um longo e complexo caminho. (Costa, 2018)

Com o advento dos anticoncepcionais ocorreu uma mudança no conceito de família, em que a gestação deixa de ser uma consequência natural de um relacionamento e passa a ser uma escolha, um desejo. Fato é que atualmente há opções tanto para evitar a maternidade, quanto para alcançá-la (como a reprodução humana assistida). Portanto, podemos afirmar, assim como Costa (2018) em "Feminilidade e maternidade no discurso contemporâneo", que tudo isso "pode ter facilitado as coisas no nível prático da execução, mas não facilitou as escolhas a que estamos submetidos no nível do inconsciente". (Costa. 2018, p. 165)

Perrot (2009, *apud* Clemens, 2015) aponta que o privado, a privacidade, é uma construção mais recente da humanidade. Na Europa, historicamente, houve uma ênfase à vida privada, que estimulou as mulheres a uma interiorização de novos valores como para a vida familiar. E como no Brasil Colônia, esse valor foi passado para as mulheres. O que implica que uma mulher, a partir de suas marcas e história, pensa e sente uma maternidade que pode ser compartilhada e outra que não pode ser falada, que, por ser contrária aos valores e padrões culturais, acaba por ser silenciada.

Pensando nisso, na existência de uma maternidade silenciada, este trabalho se propôs a estudar justamente aquilo que fica omitido. Nesse sentido, a psicanálise, em seu início, trouxe um novo modo de escuta do sofrimento das mulheres, cujas manifestações eram até então

consideradas como farsa e simulação. Ainda, enquanto teoria do estudo do inconsciente, permite que se possa fornecer elementos importantes. Portanto, é à luz da psicanálise que este trabalho segue.

O início da maternidade se dá na gravidez, é durante esta fase em que a mulher é convocada para a mudança e para o novo e isso através dos diversos processos psíquicos que a mulher passa. Sendo eles muitas vezes conflituosos e carregados que questões anteriores, quando a mulher é colocada em posição de uma possível reelaboração. Isso, combinado ao silenciamento seria um “prato cheio” para um início de maternidade conflituoso.

O estado vulnerável em que a mulher se encontra devido aos diversos processos psíquicos acontecendo ao mesmo tempo, ao silenciamento de suas angústias e ao início de uma nova vida, faz com que este trabalho questione se não seria possível uma aproximação com o desamparo. Sabendo que o desamparo originário seria um estado em que o sujeito cairia em um completo esvaziamento, devido aos excessos em que se encontra. O estudo do desamparo teve seu início como resposta ao estado em que o bebê se encontra logo após o nascimento. No entanto, é possível ver que vai muito além disso, tornando-se uma evidência da fragilidade humana.

Então, para isso, este trabalho é composto por 8 capítulos ao total. Em um primeiro momento será discutido a concepção da maternidade para a psicanálise. Em um segundo, os processos psíquicos presentes na gestação. Para, então, estudar o conceito freudiano de desamparo. E, por último, a análise de uma ilustração literária, que possibilita a relação entre todas estas ideias.

A obra escolhida para ilustrar este trabalho é o livro “Mae recém-nascida” de Thais Vilarinho (2019). O livro se dá em um formato próximo a de um diário, em que através de trechos de relatos, a autora conta sua experiência em relação aos diversos conflitos enquanto “recém-mãe”. Ainda, no livro, há espaços em branco para que a leitora possa escrever sobre si mesma, em frente aos seus próprios conflitos no início da maternidade.

O interesse por este tema se deu justamente pela vontade de estudar aquilo que se mantem no espaço privado. Aquilo que é vivido, sentido e omitido. Portanto, estudar aquilo que

talvez ainda não encontra um lugar no meio social significa permitir o início de um espaço para este. Assim, a proposta de estudar o conflito que cerca a maternidade seria proporcionar uma nova maneira de se encarar.

1.1 OBJETIVO

Articular o conceito freudiano de desamparo com os processos psíquicos presente no início da maternidade.

2 MÉTODO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica em Psicanálise, isto é, foi feito um estudo a partir da leitura e análise dos textos teóricos de diferentes autores que se dedicam ao tema, tendo vista a psicanálise como base fundamental. A psicanálise caracteriza-se por investigar os aspectos encobertos, ou seja, por ser a teoria do estudo do inconsciente. Logo, acredita-se que a contribuição para o tema deva ser importante.

Esta pesquisa poderia ser classificada como uma pesquisa teórica, em que busca aprofundar-se nos conceitos propostos através de bibliografias. Vale ressaltar que uma pesquisa-investigação implica o desejo pesquisador, de maneira a pressupor o esquadramento do campo de conhecimento. Podemos dizer, assim como Luis Claudio Figueiredo (2004 *apud* Naffah Neto, 2006), que ela surge como uma demanda do objeto de investigação, mobilizadora do desejo do investigador. E, para além do desejo do investigador, ela também surge como uma importante base de pesquisa para pesquisadores, estudiosos e profissionais da área.

Por fim, acredita-se que a psicanálise como ciência, pode ser definida com a ciência do singular, como proposto por Naffah Neto. Isso porque, ao mesmo tempo que este trabalho tem o intuito de aproximar-se da verificação de uma hipótese, ele, ao mesmo tempo, não deve ser usado como regra geral.

“Na psicanálise nada é passível de replicação, ou seja, um mesmo acontecimento não se produz nunca mais do que uma vez, uma vez que ele nunca pode ser reduzido a componentes invariantes e abstratos, passíveis de controle e replicação experimental” (Naffah Neto, 2006)

Os autores que são aqui apresentados, foram considerados de pertinência para a construção deste trabalho, na medida em que fazem uso da psicanálise, tendo em vista o aprofundamento dos temas maternidade e desamparo. Dentre os autores escolhidos, no momento de estudar a maternidade para a psicanálise, os principais são Elisabeth Badinter, Margarete Hilferding, Maria Elisa Pessoa Labaki e Vera Iaconelli. Posteriormente, ao estudar os processos psíquicos no início da maternidade, entre tantos autores que contribuíram para o estudo, é possível dar maior destaque para Miriam Szejer, Raquel Soifer e Monique Bydlowski. Para então, chegar no estudo do conceito de desamparo, em que os autores mais utilizados são

Sigmund Freud, o pai da psicanálise e criador do conceito de desamparo no qual este trabalho se baseou, e Joel Birman, que dedicou grandes esforços no estudo do conceito de desamparo freudiano presente na metapsicologia. Então, a partir de toda essa bagagem teórica foi possível a compreensão da teoria e seus fundamentos, a que se refere o tema deste trabalho. E permitiu a análise do livro de Thais Vilarinho (2019), em que a autora conta sua própria experiência enquanto mãe.

Esse estudo inclui material disponível nas seguintes bases de pesquisa: PePSIC, Scielo e Google Acadêmico. Para a realização do levantamento bibliográfico deste trabalho, foram utilizados os seguintes descritores: maternidade, gestação, ambivalência, desamparo, Freud e Psicanálise.

A escolha da teoria psicanalítica se deu por basear-se no estudo da vida psíquica, assim, seu método interpretativo busca o oculto, aquilo que é manifesto por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias. Portanto, os processos psíquicos e a ambivalência na maternidade, a que nos propusemos estudar, refere-se exatamente a este conteúdo oculto, que pouco se tem acesso. Portanto, a psicanálise como teoria do inconsciente e, ao mesmo tempo, método de investigação de processos psíquicos será crucial para o entendimento deste tema, já que permite a observação e análise dos processos psíquicos que concernem à maternidade.

Portanto, por esta ser uma pesquisa em psicanálise, se fez possível adentrar os conteúdos inconscientes que cercam a maternidade. No entanto, é de extrema importância salientar que o caráter psicanalítico permeia a consideração da subjetividade de cada indivíduo.

Ao realizar este trabalho, tem-se como justificativa a possibilidade de que possa ser de grande utilidade para profissionais e estudiosos da área. Entender os fenômenos conflituosos que cercam a maternidade e o possível estado vulnerável que a mulher se encontra, permitindo um olhar mais cuidadoso. E, conseqüentemente, o auxílio mais adequado para, por exemplo, profissionais do campo prático.

3 A MATERNIDADE A LUZ DA PSICANÁLISE

Estudar a maternidade significa estudar um momento de grande intensidade e complexidade para as mulheres. Isso porque a dinâmica psíquica da mãe passa por alterações, devido a alterações biológicas, psicológicas, somáticas, sociais entre outras características desse período. Tendo em vista essas alterações, há quem diga que a maternidade poderia ser vista como um período de crise, já que perpassam conflitos decisórios, que podem determinar o estado de saúde da mulher. (Maldonado, 1992; Piccinini, 2008 *apud* Taguchi e Pio, 2014). Ainda, o processo de se tornar mãe ou pai se dá através de um longo percurso, começando na infância, passa pela adolescência e pela vida adulta, sendo atravessado por toda a história geracional de cada um e no ambiente social e cultural específico. Aragão (2016) pontua que recentemente foi pesquisado sobre como os cenários do psiquismo durante a gestação organizam as relações com o bebê.

Sabendo disso, para falar da maternidade na psicanálise implica falar de diferentes conceitos psicanalíticos. Assim, o primeiro seria a maternidade por si só, que se caracteriza por se referir ao fenômeno de se tornar mãe, em que se passa por diversas transformações, tanto psíquicas, sociais e biológicas. A função materna, por outro lado, se refere àquela pessoa responsável pelo bebê, que permitirá a integração do mesmo, isto é, através de seu olhar permitiria a vinculação e o contorno do bebê. Vale ressaltar que por ser uma função não estaria ligada ao gênero. Tendo em vista isto, a diferença destes dois conceitos se faz importante porque um está diretamente ligado ao gênero, enquanto o outro não. A maternalidade seria o devaneio materno em torno da criança imaginada, devaneio este que constitui um espaço de antecipação para a construção de um bebê imaginado, em que a mãe se permite pré-investir em uma representação antecipatória deste bebê. Maternalidade estaria intimamente ligada a fase da gestação, portanto, aqui, merece um olhar mais atento sobre.

A concepção de maternalidade, proposta por Racamier (1961), descreve as modificações psico-afetivas na mulher durante a maternidade. Então, a maternalidade seria o estado particular da mulher grávida, que poderia ser compreendido como uma crise de identidade. Por definição, a maternalidade é “o conjunto de processos psico-afetivos que se desenvolvem e se integram na mulher durante a maternidade” (Racamier, 1961, p. 532 *apud* Aragão, 2016). A gravidez ainda poderia ser vista como uma fase de remanejamento identificatório,

comparável a uma crise de identidade. Ainda, o papel da mãe, a avó materna, seria de grande importância, já que conduziria a mãe progressivamente do narcisismo à objetividade. Então, a mãe é posta em um novo arranjo de laços, em que deveria se haver com os processos de identificação e reconciliação com sua própria mãe.

Muito se fala sobre o amor materno e sua naturalização como algo inscrito nas mulheres. No entanto, Elisabeth Badinter, em seu livro "Um Amor Conquistado, o mito do amor materno" (1985), passou a questioná-lo. O trabalho proposto pela autora é de grande valia já que, para se discutir a maternidade, é fundamental ter em mente que o amor materno é como qualquer outro sentimento humano, isto é, incerto, frágil e imperfeito. Badinter afirma então que, pensando dessa forma, pode-se pensar que este sentimento não está inscrito na natureza feminina. Tal afirmação teve um grande impacto na sociedade e nas crenças da época, uma vez que é contrária a todo entendimento consensual que se tinha sobre a maternidade.

Badinter faz todo um caminho a partir da observação das mães francesas da época. Assim, permite uma revisão da sociedade francesa, mais especificamente do século XVII ao XX. Então, as experiências das mulheres são os elementos-chave para que se possa compreender este conceito desconstruído, isto é, o caráter natural da maternidade, apresentando o papel que foi historicamente atribuído às mulheres.

A obra é dividida em três partes, que narram a "invenção" do amor materno pela sociedade e seus desdobramentos sociais e políticos. Badinter procura compreender o sentimento materno, que passa por uma intensa variação, já que em um determinado contexto histórico é indiferente com os filhos e, em outro, é cobrada socialmente para se manter inteiramente nos cuidados domésticos. Então, no desenrolar da argumentação, a autora nega a manifestação natural e universal do sentimento de amor materno. E demonstra como este sentimento é construído a partir de discursos masculinos, através de repressões culpabilizadoras.

Logo, entender a maternidade através da concepção de que o amor materno é um sentimento construído historicamente, sendo fruto de processos políticos, sociais e econômicos, é de extrema relevância para entender os sentimentos que cercam este período, para além da crença popular de que a maternidade é algo natural e inscrito na natureza da mulher. Assim,

este trabalho seguirá caminhando com um olhar crítico para a maternidade. Tentando ao máximo considerar a subjetividade de cada uma, isto é, com o entendimento que cada mulher é uma e que cada experiência também. Assim, a experiência da maternidade é um fenômeno único, completamente atravessado pela bagagem histórica de cada mulher.

Depois de desconstruir a noção de amor materno, este trabalho pretende entender a relação entre maternidade e desejo para a psicanálise. Aulagnier (1975/1979 *apud* Violante, 2007), postula que o desejo de ter filhos é uma transmissão materna, tanto à filha como ao filho. No entanto, o acesso a esse desejo depende da constituição do psiquismo de cada um, no final da travessia do Complexo de Édipo, sendo aderido – ou não – à castração. Assim, em “A violência da interpretação” (1975), Aulagnier afirma que “o desejo de maternidade é concebido como o desejo de repetir em forma especular sua relação com a mãe” (Hornstein, 1991/1986, p. 367, *apud* Violante, 2007). Vale ressaltar que o desejo para a psicanálise é inconsciente, não é para quem quiser, mas para quem puder, estando intimamente ligado com a estrutura de cada um, isto é, em que depende da constituição psíquica de cada membro do casal parental.

Podemos pensar que ter um filho estaria ligado com três desejos: o do pai, da mãe e, por último, o desejo de vida, que irá se encarnar no corpo do filho. Françoise Dolto (1978/1988 *apud* Szejer, 1997) pontua que sem estes três desejos não haverá nascimento de um novo ser.

Então, após explorar a noção de amor materno e do desejo na maternidade, torna-se possível entender como a psicanálise entende a maternidade. O olhar psicanalítico para a maternidade teve como marco inicial a conferência da psicanalista Margarete Hilferding, que em janeiro de 1911, proferiu uma conferência sobre "As bases do amor materno", na Sociedade Psicanalítica de Viena para um público composto de vinte homens, incluindo Sigmund Freud. A principal proposta da psicanalista é de que o bebê representaria para a mãe um objeto sexual natural. Isto é, Hilferding supõe que este seria parte do físico da mãe, em que todas as manifestações feitas pela mãe a respeito do bebê seriam manifestações físicas. A autora vai além e, também questiona sobre o amor materno. Ela, anos antes de Badinter, propõe que este amor não é natural, mas sim uma construção, "uma vicissitude baseada numa espécie de compaixão, estamos no âmbito da desilusão" (Berlinck, 2014, p. 404). Sendo então, uma referência ao ideal materno, que seria a imagem intensamente investida antes do nascimento e

que se desfaz após o parto. Assim, nesta conferência, a psicanalista descreve uma verdadeira potência, algo que só em 1914 será conceituado por Freud como "narcisismo".

Hilferding propõe que a dinâmica narcisista não seria amorosa e sim marcada por um movimento libidinal natural, em que os objetos investidos são desinvestidos retornando ao corpo da mãe. Sendo esse movimento regido pela falta, em que os objetos existiriam sempre para suprir esta falta, que falta no ego sempre corporal. Logo, se pode falar que a dinâmica se daria através de um investimento libidinal em objetos como a retirada da libido e o retorno ao corpo. Hoje, com o evoluir dos estudos psicanalíticos, sabe-se que o objeto falha, por não ser possível preencher a falta, já que o ser humano tem como uma de suas características principais ser faltante. Assim, vê-se que o ideal é, pois, uma outra vicissitude narcísica visando atender a falta no ego. (Berlinck, 2014)

Os estudos psicanalíticos de Freud sobre o desejo da mulher de ter filhos teve início em 1925, no texto "Algumas Consequências Psíquicas na distinção Anatômica entre os Sexos". Aqui, o desejo da mulher de ter filhos está intimamente relacionado com a falta de falo (representante do pênis). A passagem da menina criança pelo complexo de Édipo se divide em dois momentos, em que no primeiro se teria a vivência do desapontamento com a própria mãe por tê-la feito faltante e em um segundo percebe a falta em sua própria mãe, assim como em todas as outras mulheres. A menina acaba por ter três destinos de saída para alcançar a sexualidade feminina: a inibição neurótica, a masculinização e a reversão da libido para o pai com o concomitante desejo de receber filhos dele, ou seja, teria uma estrutura de histeria dentro da neurose, sendo que esta seria a atitude feminina normal (Freud, 1933).

Então, para a teoria freudiana, a maternidade seria a única forma de conceber a inveja do falo. Em que a criança ficaria destituída da posição de alteridade. Galesi (2012) aponta que essa proposta de Freud de saída do Complexo de Édipo continuaria visando o caminho de "toda fálica". Ou seja, contraditoriamente, para situar a mulher numa posição faltosa, Freud, acaba por reforçar o lugar onipotente da mãe. Em resumo, para o psicanalista alemão, desejar um filho seria desejar aquilo que falta e, ao possuí-lo a mulher, conseqüentemente, não teria mais a falta.

Segundo Markos Zafirooulos, em "A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan" (2009), Lacan, em seu Seminário IV (1995), formula outra teoria, que revolucionaria a concepção de mulher para a psicanálise. Liga a maternidade a experiência da castração, fazendo

com que a falta ficasse marcada na relação da mãe e do bebê. O autor pontua que para a mãe, a criança seria como um falo - significante da falta fundada pela castração -, sendo assim, como falta algo a ela, ela o deseja. Lacan então propõe a separação da cumplicidade de mãe e mulher, permitindo que a criança, antes posta nesta posição de falo seja vista como um objeto qualquer, que faz suplência à falta materna. Logo, a maternidade seria determinada pela relação de cada mulher com sua própria falta. Portanto, Lacan dá início a uma nova concepção entre mulher e mãe.

Pode-se dizer que a visão falocêntrica acerca do desejo de ser mãe é questionada por diversos autores. E, mesmo os que concordam, questionam a ideia de que ser mãe seria a única forma que possibilita a mulher de se sentir fálica. A noção freudiana de que as mulheres, por inveja ao pênis, desenvolvem o sintoma de desejar filhos concorda com a ideia de que a feminilidade seria pertencente a estruturação histórica. De maneira a não haver espaço para o erotismo feminino que não incluísse ter filhos. Assim, é vista a maternidade presa a uma lógica falocêntrica. (Labaki, 2007)

Costa (2018) afirma que a maternidade aparece para a mulher como uma das formas de situar a função fálica e ter um filho seria uma forma de significar esse falo. Assim, pode-se entender a maternidade como uma tentativa, sim, de buscar este faltante para a mulher. Assim como diversos outros aspectos que poderiam ser concebidos como o significante da falta também. Como, por exemplo, a aspiração profissional. A autora pontua ainda que tornar-se mulher envolve uma série de simbolizações, que estariam permeadas de perdas e sacrifícios. Assim, tornar-se mãe, também seria atravessado por mudanças radicais e esvaziamentos. Logo, a maternidade não é uma condição constitutiva da mulher, e sim, uma experiência complexa, que se dá de maneira gradual. Pode-se, então, ver que a maternidade não é algo natural da mulher. Atualmente, na grande maioria dos casos, há uma escolha em se tornar mãe. Além disso, por ser um fenômeno complexo, muitas vezes pode ser lidado com grande dificuldade.

Maria Elisa Pessoa Labaki (2007), psicanalista contemporânea, propõe um novo olhar para o erotismo feminino, que inclui o desejo de ser mãe. O que a autora chama de trabalho do feminino. Ela então propõe uma outra saída, que consiste em acolher a perda não como falta recalçada, recusada ou ressentida a ser ressarcida, mas como condição de existência de um modo interior de ser separado do outro para sempre. Assim, para a autora, a maternidade estaria muito mais ligada com a perda de filhos do que com tê-los. E, então, aos poucos, a identificação

da mãe com o bebê se dá com sua separação, em que a mãe se separe do filho ideal e se depara com o real.

No texto “A feminilidade”, Freud (1933) faz a diferenciação entre o desejo de ser mãe e o desejo de ter filhos, em que o primeiro estaria ligado com a fase pré-edípica, fruto do processo de identificação com a mãe originária. E, o segundo se daria no Édipo, em que a menina se propõe a buscar aquilo que preenche o desejo materno (Jaquetti; Mariotto, 2004 *apud* Monteiro e Medeiros, 2013). Labaki (2007), então, levanta a noção sobre o desejo de estar grávida e o desejo de ter filhos, uma vez que ao estar grávida a mulher poderia vivenciar o triunfo narcísico. Em que ela carregaria outro corpo junto ao seu, que depende unicamente dela, isto é, este seria o seu falo, concordando com a visão colocada por Freud em 1925. Assim, o filho, depois de nascer, passa a ser fonte de ganhos narcísicos. No entanto, a autora vai além, e questiona se essa lógica falocêntrica não traduziria uma organização genital feminina em que não prosseguiu para além do falo ou a este período regrediu.

Vera Iaconelli em seu texto "Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna" (2012) pontua que a partir da contemporaneidade, pensar no instinto materno, isto é, o saber inato que mulher possui de como cuidar de seu bebê, não mais cabe. Isso porque, percebeu-se que a transmissão de hábitos e costumes é passado em uma aprendizagem subliminar, em que os membros da cultura ficam expostos desde a infância. E, quando visto de fora da cultura, tem-se a falsa impressão de que se trata de uma mãe natural. Com a atualidade, as mulheres se encontram privada da experiência de cuidar de bebês, assim, quando tem seu primeiro filho que se tem o primeiro contato com um bebê. Logo, é visto que para a mãe, estes primeiros momentos com seu filho não são fáceis e esse laço, que se dá através do corpo-a-corpo erotizado, em que se requer grande esforço.

Portanto, não se pode negar que com o tempo, a mulher foi conquistando cada vez mais seu espaço na sociedade e adquirindo diferentes papéis, além daquele de ser mãe. Iaconelli (2012), afirma que nos dias de hoje a mulher sofre ainda mais com o caráter ambivalente da maternidade. Isso porque, a sociedade espera que a mulher que escolhe ser mãe, além de cumprir o papel de boa mãe, também deve ser boa profissional e manter-se jovem. Fazendo com que, o que parecesse ser um indício de liberdade, na verdade, estaria próximo de um

modelo onipotente de exercer todas essas funções a partir de desejo individual e principalmente social.

É possível ver como funciona essa dinâmica no seguinte exemplo proposto por Iaconelli (2012), uma mulher quando tem um bebê, é esperado que amamente exclusivamente no seio até os seis meses (ou seja, seja uma boa mãe); no âmbito profissional, que retorne ao trabalho em quatro meses (seja uma boa profissional); e, ao mesmo tempo, perca o peso que ganhou na gestação (seja uma "boa mulher", que se mantenha dentro dos padrões). Podemos pensar, assim, que a maternidade pode ser um evento de natureza contraditória. De maneira que, o engravidar deixa a mulher cheia de dúvidas e questionamentos de como será sua vida a partir de agora, já que entrará em cheque uma nova função em sua vida: ser mãe.

Assim, é proposto um olhar crítico para a feminilidade na obra freudiana, de maneira que a partir do Complexo de Édipo a noção de feminilidade estaria atrelada inteiramente à maternidade. Essa concepção freudiana não é puramente a visão sobre feminino e sim, uma construção-histórica da posição feminina que foi se modificando com o passar do tempo (como vemos na obra da psicanalista Labaki). Então, se faz muito relevante, ao estudar a maternidade para a psicanálise, ter em mente também a influência histórica.

Portanto, dizer que a feminilidade seria o resultado de renúncias edípicas, que resultariam na maternidade não mais se contempla. Por mais que a maternidade ainda seja supervalorizada socialmente e que muitas mulheres ainda encontrem uma sensação de completude (por conta de sua falta fállica), ela não mais contempla as inúmeras possibilidades fállicas que a contemporaneidade proporciona para a mulher.

O que significa que a maternidade, postulada por Freud, como destino para a feminilidade poderia ser problematizada. A partir das novas concepções contemporâneas, como pontua Kehl (1996), a maternidade se torna uma opção, em que, por conta da modificação da estrutura nuclear da família, a mulher passa a ocupar o mercado de trabalho. Assim, os filhos acabam por perder o lugar fállico junto às mães e, em alguns casos, esses filhos representam uma limitação que as impede de tomar posse de outros atributos fállicos, que na contemporaneidade tornam-se possíveis.

Assim ao estudar a maternidade, torna-se imprescindível fazer a desconstrução de algumas noções, como a de ser mãe não esteja mais atrelada a feminilidade, o instinto materno não mais seja visto como algo inato e que a concepção de que o amor materno é um sentimento construído historicamente e não natural e inscrito na mulher. Então, neste trabalho, tenta-se olhar para a maternidade, de maneira a tentar distanciar-se de antigas concepções datadas e de forma que o fenômeno não seja visto unicamente como o “tornar-se mãe”. Mas sim, um tornar-se mãe atravessado por diversas nuances do contexto histórico-social, de modo que para se chegar até a concepção de hoje, foi feito um longo caminho. A psicanálise, portanto, vem sendo um espaço que possibilita questionar onde fica a mulher frente a sua feminilidade, ampliando de uma diferente forma: a do desejo, que como dito acima, desejo este que nem sempre será mirado para a maternidade. Portanto, vemos agora, a maternidade para a mulher como uma opção. (Soler, 2005 *apud* Costa, 2018)

4 PROCESSOS PSÍQUICOS NO INÍCIO DA MATERNIDADE

A gravidez é, geralmente, na vida da mulher e do casal, um momento de muita riqueza, mas também de profunda complexidade. Na sociedade pode ser visto frequentemente como um momento do desabrochar da mulher, um período privilegiado em que a mulher se torna um símbolo de fecundidade. Provavelmente essa visão foi criada com a influência da literatura, com a tendência de idealizar este momento. Contudo, hoje, sabe-se que nada na vida humana é tão simples. A gravidez, um momento de tamanha importância e magnitude, muito menos. Ainda mais considerando que cada mulher lida com este fenômeno à sua maneira.

Não há gravidez sem história, a maioria dos manuais fala da gravidez de maneira generalizada. No entanto, neste trabalho, assim como propõe Szejer (1997) em “Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento”, a história da mulher é portadora de um sentido, sendo este aquele que dá lugar a criança e a uma nova mãe. Szejer pontua que justamente por não existir uma generalização da gravidez e sim uma história particular para cada – que envolve desde sua infância até o momento que recebe a notícia de sua gravidez - que não se deve ter uma maternidade ou gravidez ideal. De forma que cada uma delas possui uma gama grande e intensa de sentimentos e estados.

4.1 A gravidez na vida de uma mulher

Na maioria dos casos, a gravidez é o encontro do desejo – consciente e inconsciente – do pai e da mãe¹. A gravidez é o momento em que o homem e a mulher produzem juntos um filho em potencial, um ser desejante (que deseja viver) e que, durante toda a gravidez vai se formando dentro e pelo corpo da mulher. É um momento de fascínio e incerteza, para ambos. E a forma de elaboração é única.

Não se pode negar que, em muitos casos, a gravidez é um momento de privilégio na vida da mulher. Porém, este encanto não deve cobrir aqueles momentos mais desarmônicos. O

¹ vale pontuar que este trabalho dá como enfoque nas famílias heteronormativas, mas não deixa de validar a existência de múltiplas famílias.

privilégio de dar a vida também acompanha angústias e sentimentos contraditórios. E é isto que este trabalho propõe analisar.

Como afirma Szejer (1997), algumas histórias são mais pesadas que outras, sendo o sentido do termo “pesado” o sentido popular: figurado. No entanto, para a psicanálise a lógica é inversa: quanto mais buracos se tem uma história, mais pesada ela é. Tendo em vista estes “buracos” significando, justamente, os não-ditos, os lutos não-feitos, eventos não formulados e angústias não vividas. Isto é, tudo aquilo que não se colocou em palavras, pois são as palavras que permitem o sentido, a integração.

Sabemos que toda vida humana carrega peso - sendo aqui usada no sentido popular e psicanalítico. Todos carregam peso e questões não tão bem resolvidas. Mas a vida segue, pois é necessário viver, agir e avançar, já que não se pode passar o tempo olhando para o passado. Todavia, há certos momentos da vida em que estes momentos ecoam. Sendo a gravidez um deles. A gravidez ao abrir espaço para uma nova família, modifica o lugar de cada membro. E a história pessoal de cada um será mais ou menos tocada. Com base nisso, o estudo da ambivalência na gravidez permite abrir espaço, colocar em palavras aqueles conteúdos que muitas vezes seriam encobertos, formando, talvez, um buraco na vida do sujeito. Como Szejer pontua, “a palavra liberada permite sair de muitos impasses” (1997, p.39)

Bibring e Recamier discutem a noção de que, assim como a adolescência, a gravidez poderia ser considerado um período de grandes conflitos, de modo que a cada etapa nova do desenvolvimento biológico, se faz necessário o cumprimento de um certo número de “tarefas” psíquicas. Assim, a passagem para a etapa seguinte depende da execução de uma etapa anterior. Então, seria possível pensar que a gravidez se configura como uma crise maturativa, em que se desperta ansiedades e conflitos latentes. Possibilitando, então, novas formas e potencialidades de engajamentos na construção de uma nova identidade. (Bydlowski, 2001 *apud* Costa, 2009) Pensando que a gravidez representaria, então, um período de conflitos que cercam uma nova fase, Francine Dauphin (*apud* Szejer, 1997) afirma que a gravidez é um período de transição, de metamorfose, um período de iniciação. Assim, como em qualquer experiência de iniciação não se sai da forma que entrou.

Nossa cultura tem o hábito de glorificar a chegada do bebê e a mãe acaba por ser deixada de lado. Várias hipóteses podem ser levantadas a respeito do porquê desse silêncio, que faz parte dos não-ditos de nossa cultura e do inconsciente de nossa sociedade. Tendo em vista o patriarcado, que significa o poder nas mãos dos homens, pode-se pensar na maneira que este poder se expressa: através da linguagem, o dito e visto, também o que não é dito, não é contado ou visto.

Até o século XVII as mulheres tinham seus filhos exclusivamente entre elas próprias. O parto de Louise Lavoisier foi a primeira vez que um obstetra homem participou de um parto. Fato este emblemático e importante pois permite mostrar uma clara separação e silenciamento deste período tão importante por tanto tempo. Com o avanço da medicina e com o sucesso da obstetrícia diante da mortalidade infantil, surgiu paralelamente um discurso social sobre a grávida. Em que a imagem da gravidez se torna idealizada e bem-sucedida. Em que há pouco – ou nenhum – espaço para angústia. A mulher grávida some diante de seu ventre. A atenção se dirige exclusivamente ao feto, que simbolicamente já é representado como uma criança existente. (Szejer, 1997)

Diante dos cartazes parisienses “A França ama as crianças”, Francine Dauphin comenta “Cada vez que eu via esse cartaz eu me dizia: sim, mas ela detesta as mulheres grávidas” (*apud* Szejer, 1997, p 119). O que a autora pontua de modo mais incisivo representa o silenciamento e surdez em relação às diversas questões de uma mulher grávida. Por isso, ouvir os sintomas e seus mal-estares (que muitas vezes são banalizados ao invés de serem valorados como uma representação da especificidade de cada mulher) é, além de dar valor a uma experiência subjetiva e importante, também um ato revolucionário frente a sociedade patriarcal.

4.2 Sobre a ambivalência

Tendo como base “O Vocabulário da Psicanálise” de Laplanche e Pontalis (1991) será aprofundado o termo “ambivalência” e como surgiu na psicanálise. A ambivalência é definida como a presença simultânea, sobre o mesmo objeto, de tendências, atitudes e sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e ódio.

Segundo Laplanche e Pontalis (1991), o termo, foi criado por Bleuler, que a divide em três domínios: voluntário, intelectual e afetivo. Para o autor, a ambivalência é um sintoma preponderante da esquizofrenia, mas ele reconhece a existência de uma ambivalência “normal”. Bleuler se aprofunda na ambivalência afetiva, já que reconhece que esta estaria presente em diversos setores da vida psíquica. E é neste sentido que Freud se orienta.

Nos estudos freudianos o termo aparece primeiramente em “A dinâmica da transferência” (1912), em que usa este conceito para traduzir o fenômeno da transferência negativa. No entanto, a ideia de uma dualidade entre amor e ódio aparece anteriormente, em análises do “Pequeno Hans” e do “Homem dos Ratos”. Em que o paciente dirigia estes sentimentos opostos para a mesma pessoa.

A ambivalência pode ser evidenciada principalmente em determinadas afecções, como psicose e neurose obsessiva e em certos estados, como luto e ciúme. Ainda, é a ambivalência que caracteriza certas fases da evolução libidinal, em que coexiste o amor e o ódio, como na fase sádico-oral ou sádico-anal.

Melanie Klein, em seus trabalhos, pontua a noção de ambivalência como essencial. Para a psicanalista, a pulsão de início é tanto de amor quanto acompanhada da destruição do objeto. De modo que a ambivalência se torna uma qualidade do objeto.

Ainda, o termo é amplamente usado na psicanálise, podendo designar as ações e sentimentos resultantes de um conflito defensivo, de maneira a entrar em jogo motivações incompatíveis.

Em última análise sobre o conceito, a teoria freudiana das pulsões tem papel fundamental na explicação do termo ambivalência. Isso porque, ao conceber a pulsão de auto conservação e sexual, poderia se fazer um paralelo entre o ódio e o amor. Em que o ódio encontraria sua origem nas pulsões de auto conservação e o amor nas pulsões sexuais. Assim, a oposição de pulsão de vida e de morte, proposta na segunda tópica de Freud permitiria enraizar de maneira ainda mais clara a ambivalência num dualismo pulsional. A ambivalência se apresenta diante dos conflitos e contradições inerentes à vida pulsional.

Freud, ao final de sua obra, dá maior importância à ambivalência na clínica e na teoria do conflito. O conflito edipiano, por exemplo, em suas raízes pulsionais, é concebido como conflito de ambivalência. Nesta perspectiva, a formação dos sintomas neuróticos é concebida como a tentativa de conseguir uma solução para tal conflito.

Portanto, este trabalho entende a ambivalência como originária e fundamental no psiquismo do indivíduo. Sendo que em determinados momentos ela se mostra mais evidente e acentuada. Pode-se afirmar que a gravidez, por ser um momento em que o psiquismo é convocado para grandes mudanças, é um destes momentos. Então, após todo este percurso, histórico contextualizado, feito acerca do que representaria a maternidade e a gravidez para a mulher, este estudo se propõe, neste capítulo, a entender alguns dos conflitos ambivalentes (luto, mudanças corporais e os sintomas característicos da gravidez), presentes nessa fase para depois, observar os sintomas e as reelaborações psíquicas.

4.2.1 Vida que nasce x mulher que morre

Quando se fala sobre o período de gravidez ainda se pensa em algo idealizado, sendo muito pouco debatido os desafios e angústias que a mulher passa. Essa falta de discussão aberta pela sociedade faz com que a mulher, muitas vezes, se sinta culpada e angustiada com seus próprios sentimentos, já que a gravidez vem acompanhada de muita ambivalência. Sentimentos estes, por conta de um luto que a mulher passa por uma fase de sua vida que se encerrou, em relação ao bebê que está a caminho e questões psíquicas estruturantes e individuais

Comumente quando se pensa em gravidez e maternidade a última coisa que passa na cabeça seria o luto, já que justamente nesta fase uma nova vida está sendo gerada. No entanto, é possível afirmar que há sim um processo de luto. Luto este que se refere à perda da vida que antes se conhecia.

Na obra "Luto e Melancolia" de 1917, Freud afirma que o luto seria a "reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de ente querido, como o país, a liberdade, ou o ideal de alguém, e assim por diante" (Freud, 1917, Primeira Edição, p. 171). Assim, não fica difícil de relacionar o impacto que a mulher, agora grávida, sofre em

perder sua antiga vida, sua antiga dinâmica familiar e sua liberdade em certo sentido. Teixeira (1991; 2007; 2009) acrescenta que, mesmo em busca de uma realização fálica com a gravidez, a mulher percebe que, uma vez neste lugar, ela só é reconhecida enquanto mãe, mas não por seus atributos de mulher.

Indo mais a fundo, para Riedmiller (2006), há três momentos de perda para a mulher que se torna mãe: perda do estágio de filha, perda do status de casal, perda do status de “boa mãe”. Quando a mulher anuncia a gravidez ao marido, há a perda da relação a dois, já que mais um entrará nessa dinâmica. Além disso, algumas mulheres ficam receosas sobre seu corpo, que está mudando e, fantasias de que o marido está traindo geralmente podem aparecer.

Sobre o status de filha, devemos lembrar antes de tudo, que toda mulher é primeiramente filha. Assim, a sua mãe/pai/responsável tem um status de "protetor" para ela e, no momento em que engravida, a mulher, agora, terá de se colocar nesse lugar, de proteger alguém.

A perda do status de "boa mãe" se dá quando um bebê não nasce saudável por algum motivo. Isso porque toda mulher quando descobre a gravidez deseja ser uma "boa mãe". E, no momento que o filho não nasce saudável, há uma série de acusações da sociedade de ela ter feito algo durante a gravidez que desencadeou essa condição.

Riedmiller acrescenta também o luto dos sonhos, sendo este o representante da perda dos sonhos que aquela mulher imaginou para ela, como os ideais, os desejos e os objetivos. A gravidez e a maternidade são representantes de um novo momento da vida, em que as necessidades e desejos do bebê serão colocados em primeiro lugar. Assim, suas aspirações são deixadas de lado para focar no cuidado desse novo indivíduo

Portanto, quando se diz sobre a ambivalência que cerca o luto, se diz justamente do amor pelo filho que está a caminho e a ansiedade e expectativas que cercam esta nova fase. Mas, diz também sobre a vida que antes mulher tinha e agora se perdeu.

4.2.2 Corpo que convoca para a mudança

No primeiro trimestre a grande maioria das mulheres começa a ter sua imagem corporal modificada, de maneira que cada uma lida com essa mudança de modo único. Tensões mamárias, gostos e cheiros experiências de maneiras diferentes e, essas mudanças mais ou menos marcantes são vividas de maneira diferente por cada uma. Então, entra em jogo para a mulher duas histórias paralelas: a sua relação com seu próprio corpo e com o corpo de sua mãe. Em meio ao turbilhão que é a gravidez, essas duas histórias acabam por se entrelaçar. (Szejer, 1997)

As mudanças corpóreas são os primeiros sinais da mudança que está vindo para esta mãe. O corpo denuncia uma nova condição. Frente a essas mudanças há um certo encantamento, já que essas transformações representam o início de uma nova vida e da chegada do bebê. No entanto, em geral, as mulheres costumam apresentar uma grande insatisfação e preocupação com as alterações corporais. Esses sentimentos parecem decorrer da perda de um corpo que simbolizava uma condição única de mulher independente e desejada (Maldonado, 1997).

Além disso, sentimentos de estranheza diante do corpo também costumam se manifestar. Isso porque, esta etapa faz com que partes do corpo comecem a assumir diferentes funções. Como por exemplo "a vagina que antes era um portão para o seu corpo, é agora uma passagem, um corredor entre o útero e mundo" (Raphael-Leff, 1991, p. 48); e o seio, visto anteriormente como um símbolo de sua feminilidade, sensualidade passa a ser um símbolo de maternidade, fonte de alimento para o bebê. Assim, o próprio corpo que antes era familiar torna-se estranho (Raphael-Leff, 1991). Esse estranhamento referido pode ser justificado como uma percepção das gestantes sobre a entrada numa nova etapa, sobre a qual elas não têm controle.

O corpo feminino começa suas primeiras alterações em decorrência das mudanças hormonais, mas não se pode justificar o comportamento da grávida exclusivamente nisso. Assim, essas mudanças físicas precisam ser entendidas na história particular de cada mulher como expressão de uma gravidez específica.

De acordo com Szejer (1997), diante das transformações corpóreas, a mulher pode se sentir desestabilizada e angustiada ou pode ter uma experiência positiva ou, ainda, pode sentir as duas coisas ao mesmo tempo. A sua autoimagem pode estar ameaçada ou satisfeita, de modo a depender de sua subjetividade. Ainda, a relação do casal, o olhar do parceiro, tem grande

influência, de maneira que pode acentuar sua insatisfação ou contrabalanceá-la. O recuo do homem pode ser em referência tanto ao seu erotismo com sua mulher que agora também seria mãe ou, também pode ser em relação ao seu filho, que pode representar um rival.

A autora destaca, ainda, aquelas que não sentem suas mudanças físicas, mas que mesmo assim têm dificuldade em lidar com a gravidez. Passando por um período de negação, o que para algumas pode significar uma impossibilidade inconsciente de se adequar à imagem de mulher maternal. Podendo, esta dificuldade, estar relacionada a sua própria mãe, que teria um caráter invasivo e sufocante. Ou, ainda, esta dificuldade seria, justamente, em sair do papel de filha de sua mãe e se tornar mãe de um bebê.

A autora pontua, também, que diante do cansaço, característico do início da gravidez, a mulher precisa se readaptar em sua rotina. No entanto, a mulher acaba por enfrentar uma certa negação por parte da sociedade, isso porque costumam levar a sério a gravidez somente quando o ventre se torna visível e, até lá, a gravidez fica em um estado de negação. Como, por exemplo, acontece usualmente no trabalho, em que as grávidas, tomadas pelo cansaço não têm parte de suas tarefas habituais poupadas. E, apenas quando não aguentam mais o ritmo, usam seu único recurso que é a licença maternidade. Assim, para muitas mulheres essa negação da sociedade torna a situação de lidar com as transformações do corpo, ainda mais difícil. Já que são levadas a acreditar que este cansaço, dificuldade em se movimentar e intensa emotividade é um exagero.

Vale pontuar que a forma que o casal encara essas transformações corporais também pode ser um indicativo do lugar que o filho irá ocupar. Um pai que se assusta com as transformações do corpo da mulher, que se sente amedrontado com a presença de um novo ser que começa a se mexer dentro da barriga, pode indicar o caráter de cumplicidade ou de rival. Há homens que enxergam sua companheira como uma mãe substituta e, com a chegada de um novo membro pode ser que surja um temor de que ela o troque. Assim, a intimidade e sexualidade do casal é atingida. O que para a mulher muitas vezes é sentido como algo conflituoso (Szejer, 1997)

Então, a partir da concepção de ambivalência, como a tendência simultânea de dois sentimentos opostos, é imprescindível a compreensão de que o corpo grávido seria o

representante simbólico desta mudança. Logo, o representante da ambivalência que cerca a gravidez.

4.3 Os sintomas

Szejer (1997), aponta que em um primeiro momento o filho ocupa um espaço para a mãe, que é determinado através de duas “forças” que atuam sobre ela. Por um lado, como dito anteriormente, começam a surgir crises de ansiedade e pesadelo; por outro, há um súbito prazer provocado pela sensação de vida a qual a mulher é tomada. O bebê, que começa a se mexer, passa a marcar sua presença. Normalmente, a mulher que antes se sentia muito cansada passa a se sentir maravilhada, com o rosto iluminado.

No entanto, mesmo com toda essa sensação positiva, em um segundo momento, a mulher se sente assolada por uma angústia, que ela mesma não compreende. Angústia, esta diferente daquela do primeiro trimestre, que tinha como motivo a dúvida se a gravidez vingaria. A angústia no segundo trimestre se relaciona com a certeza de sua gravidez, uma vez que seu filho já começa a se mexer. Ou seja, a gravidez que antes parecia algo abstrato, torna-se, de fato, real.

Agora, a mulher e o bebê são seres separados que coabitam o mesmo corpo. Antes, vivam em simbiose, agora, são dois corpos distintos vivendo juntos. Há um imenso prazer na sensação do bebê se mexendo. No entanto, a mulher também começa a ter notícia que em algum momento os dois irão se separar. Assim, a mãe é invadida por uma grande felicidade e, em momentos, é lembrada que essa felicidade não irá durar para sempre, levando a uma intensa angústia, de maneira a resultar em um sentimento conflituoso. (Szejer, 1997)

A partir de então, a história pessoal de cada uma das mulheres entra em jogo. De modo que separações ou abandonos podem pesar nessa angústia. Ou, pode acontecer, justamente, o oposto, a mulher pode ter aprendido a lidar com separações e atravessar esse momento com mais facilidade.

Ainda, a mulher repleta de ambivalência acerca de sua gravidez se vê cada vez mais sozinha, já que não encontra ninguém que a compreenda. No segundo trimestre as pessoas próximas esperam felicidade da gestante e, para responder as expectativas, a mulher por vezes se cala e se refugia em seus pensamentos e pesadelos. Em seus pensamentos a ideia de ser mãe se torna cada vez mais próxima. Uma vez que no primeiro trimestre ela dizia apenas “estou grávida” e no segundo “vou ter um filho”. E, é este filho que agora também se mexe e começa a se expressar, uma vez que os desejos continuam e pode ser entendido como o primeiro discurso do bebê. (Szejer, 1997)

Szejer (1997) aponta que com a chegada do segundo trimestre a maioria dos sintomas físicos desaparecem. O que costuma ser um grande alívio para as mulheres, permitindo que elas voltem as atividades habituais sem dificuldades, conseqüentemente um sentimento otimista. É nesta fase da gravidez que o filho passa de embrião a feto. No segundo trimestre é tradicionalmente considerado como o melhor momento da gravidez, o período de desabrochamento. Após o parto, as mulheres costumam se lembrar desse período como a melhor fase, no entanto, quando são ouvidas durante este período, essa fase não parece ser este mar de rosas.

Aqui, o corpo de gravidez começa a tomar mais forma. E, para a autora, a maneira que a mulher passa a se comportar diante delas pode ser uma expressão do que ela tem, ou não, que provar. Por exemplo, uma mulher que come em abundância (por dois), ou uma mulher que come em pouca quantidade. A maneira de se vestir (como uma mulher grávida, ou não). Esses são apenas dois exemplos de comportamentos significativos que permitem entender o lugar que esta gravidez tem na vida da mulher.

A psicanalista pontua que nesta etapa da gravidez, o bebê adquire sua primeira autonomia, isso porque a placenta passa a pertencer ao feto, ainda que obviamente permaneça na dependência da mãe. Em consequência disso, a mãe passa a se sentir fisicamente melhor, já que essa autonomia do bebê permite que os sintomas físicos desapareçam e os sintomas psíquicos apareçam. No lugar de náuseas e cansaço, por exemplo, entram pesadelos e crises de ansiedade. O mal-estar que antes se expressava no corpo, passa a se expressar na psique.

Segundo Szejer (1997) as descompensações psíquicas do terceiro trimestre tem formas específicas. A mulher atravessa estados de ansiedade e depressão, sofre alterações de sono, sempre relacionado com sua história de vida e o significado da gravidez. As fobias, que aparecem com a aproximação do parto, não acontecem apenas com as primíparas. A fobia não diz respeito a um medo racional da dor, são fobias mais profundas, que dizem respeito a história da mulher, à maneira que sua mãe relatou a ela o seu nascimento, ao que esta gravidez significa, à história do casal e o que é esperado deste filho. O essencial é compreender que estas fobias e os desejos à elas relacionados não são caprichos, mas têm, sim, um sentido para elas.

Enquanto no segundo trimestre a mulher sentia uma paz com o seu corpo, no terceiro trimestre o mal-estar físico é o que melhor o define. Cada mulher reage da sua maneira, umas permanecem deitadas, renunciando as atividades, já outras, mais inclinadas a negar sua gravidez, se mostram hiperativas. Aqui, a mulher começa a sentir seus limites físicos, fazendo com que note que esta coabitação não irá durar por muito tempo. Portanto é no terceiro trimestre que a mulher começa a se ver como uma mulher grávida em um estado provisório. Por outro lado, o volume que o corpo da mulher grávida permite a mulher um novo lugar na sociedade. Ela não é mais apenas uma mulher, passa a ser uma gestante. (Szejer, 1997)

Olhando mais a fundo os sintomas específicos de uma gravidez, a psicanalista argentina Raquel Soifer (1986) estudou de forma detalhada, sob uma perspectiva kleiniana, mecanismos inconscientes presentes em cada fase e sintoma. Sendo esses mecanismos como a rejeição, ambivalência, fantasias sobre o feto monstruoso e inexistência da gravidez, temor ao filho e à morte. A autora pesquisou esses mecanismos estruturais do inconsciente relacionando às transformações corporais que a mulher sofre durante esse período, destacando que as questões físicas e psíquicas estariam estreitamente ligadas.

O estudo de Soifer se faz importante para este estudo pois faz relação entre a soma e a psique no período gestacional. No entanto, vale ressaltar, assim como apontado por Silva (2008), que é necessário que seja considerada a história de vida do sujeito. Assim, a obra de Soifer permite a compreensão do caráter coletivo e estrutural dos processos inconscientes da gravidez, porém enfatiza que essa via de interpretação unicamente pode ser em parte reducionista.

Na obra "Psicologia da Gravidez, parto e puerpério", Soifer (1986) aborda aspectos comuns a cada fase da gravidez, relacionando com processos inconscientes. No início da gestação, a sonolência se faz muito presente, para a autora, pois corresponderia à regressão, em que a mulher tentaria se afastar dos estímulos de mudança através do sono. Sobre os vômitos e náuseas, a autora aponta que esses corresponderiam à incerteza da existência da gravidez. Em que revela o conflito de ambivalência diante da maternidade.

Do segundo ao quarto mês de gestação, a autora destaca fantasias de roubo e esvaziamento do inconsciente, já que nesse período há a nidação e absorção de substâncias alimentícias da corrente materna. A partir do quarto mês começam a ser percebidos movimentos do bebê e a não percepção pode estar ligada a negação da gravidez. Além disso, a partir dos movimentos a mãe pode começar a sentir uma grande ansiedade devido ao medo e culpa de viver uma união tão íntima e pessoal. A culpa vem de fantasias incestuosas e masturbatórias que seriam reativadas. Com o tempo esse medo e estranhamento vai se dissipando com a discriminação dos movimentos do bebê. Quando a gravidez começa a se tornar evidente, a mulher, geralmente, costuma apresentar o sentimento de se sentir feia, isso, para a autora pode ser uma forma de encobrir o desvio da culpa frente a fantasias incestuosas.

O quinto ao nono mês são caracterizados pelos movimentos intensos do bebê e esse quadro, segundo a autora, produz ansiedade, já que as fantasias se renovariam e, por isso, em muitos momentos, há o retraimento narcisista. A partir do sétimo mês o bebê começa a posicionar a cabeça para baixo e, a percepção desse movimento gera muita ansiedade para a mãe, o que, pode em alguns casos gerar processos somáticos, dentre os mais graves seria o parto prematuro.

O último mês da gestação traz consigo muita ansiedade e incertezas, seja em relação a data que o bebê nascerá, como o bebê será e como será a criação. Assim, a autora destaca que o mecanismo principal é o de narcisismo infantil, que seria o pensamento de onipotência diante da situação. Quando se supera as crises de ansiedade, a sonolência chega e, para a psicanalista, isso seria um retraimento e negação frente a intensa ansiedade.

A psicanalista argentina destaca ainda que o ambiente tem grande valor de manutenção da saúde mental da grávida. E, afirma, também, que o papel do pai/marido/parceiro merece

tanta atenção quanto a gestante, já que também entraria em um mecanismo mais regressivo. Logo, o ambiente tem um papel essencial na aceitação da gravidez.

Como já dito acima, a obra de Soifer tem grande relevância para entender o processo de gravidez com um valor coletivo e estruturante. Mas é necessário considerar a história individual de cada um, já que as vivências, principalmente as iniciais, de cada pessoa influenciam a forma que cada momento da vida será lidado. Portanto, a história de vida pessoal de cada um pode intensificar ou não os conflitos psíquicos vividos nessa etapa. Assim, ter uma bagagem da relação do sintoma físico da gravidez e o que pode significar na psique é interessante, no entanto não é definitivo e enraizado em cada mulher.

Então, como pontua Szejer (1997), sobre estes sintomas não é possível adotar uma regra única e geral sobre cada ponto. No entanto, vale a reflexão sobre a especificidade de cada um destes sintomas, de maneira a considerar o sentido dado dependendo do contexto. A náusea, por exemplo, poderia ser um modo de rejeição ao filho, como afirmam diversos autores. Helène Deutsch (*apud* Szejer, 1997), por outro lado, vê este sintoma como uma tentativa de vomitar sua própria mãe, para que haja espaço para se tornar mãe.

Portanto, admitindo a noção de que os sintomas permitem a expressão do inconsciente, é possível compreender os sintomas como uma forma de expressão da grávida e o corpo como um caminho. Assim, explicar as alterações e sintomas da mulher unicamente nas mudanças hormonais seria pouco e limitante. Como afirma Szejer, “a gravidez desperta conflitos inconscientes que até então não tinham encontrado outro modo de expressão” (1997, p.127)

4.4 Reelaboração de conflitos anteriores

O conceito de transparência psíquica, proposto por Monique Bydlowski em 1997, trata das representações inconscientes durante a gravidez. Neste conceito é descrito um estado particular do psiquismo em que fragmentos do pré-consciente e do inconsciente encontram a saída facilitada à consciência.

A autora traz em seus estudos o questionamento do porquê a vida psíquica da mãe gestante não esteve nos centros de preocupação dos psicanalistas, já que teria um grande impacto no desenvolvimento das crianças. Ainda, a autora sugere que o processo gestacional é um momento único, de psiquismo particular e permeável aos fragmentos do inconsciente.

Winnicott (1956 *apud* Costa, 2009) foi um dos primeiros estudiosos a constatar que se não houvesse uma criança, o estado da gestante poderia ser considerado psicopatológico. Estado este, que o autor chama de preocupação materna primária, que se é caracterizado pela preocupação exacerbada da mãe em relação ao seu bebê após o parto.

Bydlowski (1997 *apud* Costa, 2006), em seus atendimentos clínicos, observa que o funcionamento do psiquismo nas primeiras semanas já se encontra alterado. Estas mulheres apresentam um quadro que se manifestaria um chamado de ajuda latente, ambivalente e quase permanente, em que se caracteriza por um certo radicalismo e autenticidade particular do psiquismo. Assim, ocorre uma alteração de funcionamento habitual, em que é provocado um movimento de interiorização, entre a gestação e memórias do passado. Portanto, o período gestacional para a autora seria um momento em que os conteúdos psíquicos ganham extrema visibilidade. Logo, as condições para a construção de uma aliança terapêutica são favoráveis.

A grávida passa por uma interiorização, que resulta, segundo Bydlowski (1997 *apud* Costa, 2006), em um progressivo desinvestimento do mundo exterior. Para a autora este retraimento é um fenômeno natural da gestação e seu não conhecimento pode levar a um falso diagnóstico.

O investimento em si pode ser percebido pelo sentimento da grávida da “presença” da criança. No início da gestação o bebê é uma ideia, que depois passa a ser sustentada por percepções sensoriais e, posteriormente, passa a ser evidenciado pela barriga. Durante a gestação, um aspecto levantado por Bydlowski (1997 *apud* Costa, 2006), é o fato de que as gestantes pouco falam sobre seus bebês. A autora explica que a criança é mantida em sigilo para a mãe e se focaliza, nostalgicamente, em dizer a respeito da criança que um dia foram.

Estes dois aspectos mencionados; afloramento dos conteúdos inconscientes e o silenciamento do bebê aguardado, são a base do conceito Transparência Psíquica, proposto por

Bydlowski (1997 *apud* Costa, 2006). Em que se trata de um “terreno psíquico” próprio do período gestacional. De forma que o inconsciente transformado não mais garante o “segredo” dos conteúdos, pelo contrário, encontram sua saída facilitada. A transparência psíquica, então, deve ser compreendida como um estado psíquico particular, caracterizado por uma maior abertura e permeabilidade do inconsciente. É comum neste estado o retorno e reelaboração de conflitos anteriores.

A psicanalista passou a estudar o porque, neste evento, as mulheres calam a criança e liberam facilmente suas questões inconscientes. Para justificar, é preciso olhar dois fenômenos: o rebaixamento das forças defensivas, o mecanismo que garante o recalque dos conteúdos inconscientes e o hiperinvestimento sobre o objeto criança que está a caminho, o qual representa um desafio ao psiquismo materno. Este hiperinvestimento está fundamentalmente em seu silêncio, isto é, o ato de evitar falar, para a psicanálise, prova sua erotização.

Portanto, a proposta da autora seria de que a relevância do novo objeto-criança abre o caminho para o retorno do que estava oculto. Isto é, atrai o próprio objeto interno criança do passado. Entre os conflitos infantis, é nesta fase que se é permitida a reelaboração do Complexo de Édipo e a separação de relações simbióticas originais. Sendo assim, podemos afirmar que a gestação é um momento regressivo para a grávida, pois há a reativação de conflitos parentais da mesma.

Para Brazelton & Cramer (2002), o período da gravidez reflete toda sua vida anterior, suas experiências com os próprios pais, sua vivência do triângulo edípico, as forças que a levaram a adaptar-se com maior ou menor sucesso a essa situação e, finalmente, separar-se de seus pais. E, tudo isso, para os autores influi em sua adaptação ao novo papel. Ou seja, a gestação dá as mães uma nova oportunidade de elaborarem velhos conflitos de separação, promovendo uma nova fase em seu processo de se desprender (individuação) das relações simbióticas originais. Assim, a gravidez não é só um período de ensaios e expectativas, mas constitui também uma fase em que velhos relacionamentos podem ser mentalmente trabalhados novamente, podendo ser concebida como um período de constante confronto entre a satisfação de desejos e o reconhecimento da realidade.

Ainda, a reelaboração do Complexo de Édipo se dá devido a intensificação das vivências persecutórias. Em que estas fantasias estariam relacionadas ao sentimento de culpa infantil por ataques à própria mãe e o desejo de ocupar o lugar dela. Os conteúdos dessas vivências poderiam estar relacionados ao medo de tomarem-lhe o filho, que a gestação não existisse de fato, ou que a gravidez implicasse na perda da própria mãe, pela concretização da fantasia infantil. (Soifer, 1986)

Como aponta Caron (2000), o período da gravidez pode ser considerado um terremoto hormonal, físico e psíquico, em que permite o encerramento dos maiores desafios, incertezas e segredos do ser humano. Logo, pode-se afirmar que a gestação é repleta de mistérios insolúveis e estranhas reações que acompanha, todo desenvolver do processo até o parto.

Então, o percurso proposto neste capítulo de trazer as noções que cercam a maternidade durante a gravidez, permitiu observar que esta é uma fase repleta de excessos. Em que, se haver com cada um deles se torna demandante para o psiquismo da mulher. Em alguns casos mais e em outros menos, sempre respeitando a subjetividade. Assim, poderia ficar o questionamento de como seria para a mulher que estes conflitos de fato são excessivos.

5 O CONCEITO FREUDIANO DE DESAMPARO

O conceito de desamparo é motivo de grande discussão para a psicanálise. Isso porque diversas vezes é usado em diferentes circunstâncias. O conceito se constituiu de fato no contexto da formulação final da metapsicologia freudiana. Em que o termo, desamparo, em alemão *hilflosigkeit*, estaria diretamente ligado com o conceito de pulsão de morte, que seriam pulsões que levam à estagnação, ou seja, buscariam a paz, a ausência de estimulação no organismo (Freud, 1920 *apud* Santos, 2013).

Segundo Laplanche e Pontalis (1986) em “Vocabulário da psicanálise” o desamparo pode ser entendido como um estado latente em que o indivíduo depende inteiramente de outrem para a satisfação de suas necessidades (sede, fome etc.), a fim de se pôr fim à tensão interna. Vale pontuar que este é um termo que assume um sentido específico na teoria freudiana.

Joel Birman (1999) reitera que o conceito freudiano de desamparo aparece tardiamente no discurso freudiano, a partir da virada teórica dos anos 20 - segunda tópica. Assim, segundo o autor, a palavra e o conceito, às vezes, não querem dizer exatamente a mesma coisa na obra de Freud. Portanto, podemos encontrar o uso desta palavra, sem que esteja se referindo ao conceito em si e outras palavras que poderiam se referir ao conceito de desamparo. Isto é, há uma fratura entre a palavra e o conceito.

Passos, Neves e Menezes (2018), em “Prolegômenos do desamparo na psicanálise” afirmam que na psicanálise a noção de desamparo nasce com a concepção de desamparo físico, motor. No entanto, notou-se que vai além. Percebendo que o desamparo se manifesta no psiquismo, de forma que o ser depende do outro para a construção da sua ordem vital. Desta forma os autores explicitam, assim como Freud em 1930, o desamparo como fundante e estruturante do sujeito, em que se possibilita o laço social frente ao mal-estar imposto pela civilização, através da busca por organizar a desordem pulsional.

Segundo Santos e Fortes (2011), em toda a obra Freudiana o conceito foi se reformulando. Em uma ordem histórica das obras de Freud o conceito aparece primeiro em “Projeto para uma Psicologia Científica”, em que Freud (1895) relaciona o desamparo à insuficiência motora de modo a se permitir a inscrição no desejo. Em seu artigo sobre a angústia (1926) o psicanalista traz a noção de desamparo como fundamental para a segunda teoria da

angústia, já que seria uma espécie de reação frente às situações de perigo que geram angústia. Por fim, em “Futuro de uma ilusão” (1927) e “Mal-estar na civilização” (1930) a noção de desamparo é formulada como uma condição fundamental da existência humana. Assim, o desamparo se torna uma condição estruturante do sujeito.

O ser humano, desde sua origem, é marcado pelo excesso, em que implicaria a morte e a quietude, se não fosse pela presença do outro. Em “Projeto para uma Psicologia Científica”, Freud (1895 *apud* Santos e Fortes, 2011) afirma que o ser humano em seu início da vida é uma soma que necessita de uma descarga em suas excitações e suas necessidades satisfeitas por outro, pois sua imaturidade quando recém-nascido não permite a descarga para o qual é convocado. Ou seja, não consegue sem a ajuda do outro dar destino para as excitações que o acometem. No início da vida há uma energia em ebulição que pressiona constantemente no sentido do escoamento, da descarga e redução da tensão e essa excitação se dá, justamente, pela incapacidade do bebê realizar os mecanismos que o aproximariam do equilíbrio. Portanto, pode-se pensar que o oposto do desamparo seria a dependência do outro, já que o indivíduo, sozinho, não dá conta de sua sobrevivência, nem a nível orgânico, nem a nível psíquico. Logo, este estado originário inscreve a alteridade no registro da dependência, como condição para o surgimento do psiquismo.

Pode-se dizer que o discurso freudiano, como dito acima, faz um deslocamento de um modelo vitalista, em que se interpreta as relações de oposições entre a vida e a morte, para outro fundado numa concepção mortalista. Tendo isso em vista, após os anos 20, Freud enunciou a existência de um movimento primordial para a morte, referindo-se a isto como sendo a revelação da prematuridade do organismo humano. Por conta dessa incapacidade, o organismo humano precisaria de um outro que possibilitasse sua condição de sobrevivência. De forma que se mantêm uma marca insuperável de dependência do outro. (Birman, 1999)

Birman (1999) afirma que o outro, aquele que auxilia o bebê diante de sua incapacidade, é quem ajuda a construir destinos para a força pulsional, que permitam a construção da ordem vital. Isto é, o outro realizaria o trabalho de ligação da força pulsional que o organismo humano em formação, em prematuridade, ainda não é capaz de realizar. Dessa forma, o indivíduo é posto em ordem vital através da erogabilidade oferecida pelo outro. Em outras palavras, este outro, permite a sustentação psíquica, favorecendo sua constituição como sujeito. Portanto, a

relação primária com o outro é, assim, estruturante do aparelho psíquico, imprimindo na subjetividade as marcas fundamentais do desamparo e da alienação. (Freud 1926 [1925] *apud* Birman, 1999)

Em 1926, em “Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud afirma que o desamparo primordial do nascimento seria como a angústia em sua forma originária, isto é, o nascimento produz na vida psíquica uma vivência de um estado de tensa excitação, que é sentido como um desprazer, de forma que não se deve ser subjugado mediante a descarga. Entende-se que aqui o princípio de prazer falha e que este momento pode ser entendido como um momento traumático, em que seria possível entender a angústia neurótica frente ao instinto de auto conservação. É a partir disso, que se torna possível compreender que esta angústia se repete em suas diversas formas de angústia de separação do início da vida até a morte. O estado de desamparo torna-se protótipo da situação traumática.

Em sua obra “Mal-estar na civilização” (1930), Freud se propõe a observar a cultura como produtor de um mal-estar nos seres humanos, já que existiria uma dicotomia entre a civilização e os impulsos pulsionais. Assim, é através da classificação do desamparo infantil como estruturante que Freud vê possível uma relação da civilização e das pulsões como desarmônica.

Na obra, Freud (1930) traz a concepção de que o desamparo seria algo estruturante do sujeito. Para isso, o conceito de desamparo originário é retomado, onde são apontadas as sensações pelos quais o bebê passa em relação ao mundo exterior e como reage. Isto é, o bebê lactante ainda não é capaz de separar o Eu do mundo exterior, então vai aprendendo, aos poucos, a se a haver com esse excesso de excitações, essa “massa de sensações” como Freud pontua.

O Eu se contrapõe pela primeira vez a um “objeto” do mundo exterior ao demandar – gritar – pelo peito materno e através dessa demanda que o bebê entende que há algo “fora” de si. Outra forma que auxilia o Eu a se desprender de tamanhas excitações do mundo externo é através da dor e do desprazer. Em que o princípio de prazer busca eliminar e evitar. Logo, surge a tendência de isolar o Eu de toda fonte que pode se tornar desprazerosa. Através desse mecanismo se chega à possibilidade de distinguir tudo aquilo que é interior, que pertence ao Eu e o que é exterior, oriundo do mundo externo. Segundo Freud, é assim que se dá o primeiro passo em direção do princípio da realidade. (Freud, 1930)

Posteriormente, Freud (1930) aponta que este sentimento “oceânico” (ou seja, a ausência de limites e uma ligação com o todo) seria conservado na vida psíquica de muitos – seja de forma maior ou menor para cada um – e, seria isto a forma mais arcaica de sentimento, “ele focaria ao lado do mais estreito e limitado sentimento do Eu da época madura, como uma espécie de contraparte dele, e os seus conteúdos ideativos seriam justamente os da ausência de limites e da ligação com o todo” (p.19). Ainda, Freud fala sobre a conservação do primitivo na vida psíquica, em que não se faz possível representar visualmente este fenômeno. Assim o psicanalista pontua que “aquilo que passou pode ficar conservado na vida psíquica, não tem necessariamente que ser destruído” (p. 24).

Em “O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social”, Joel Birman (2005) tem como objetivo elucidar a presença de dois discursos teóricos opostos em Freud, no que diz respeito as relações entre sujeito e modernidade. Tendo isso em vista, o início dos estudos de Freud é tido como harmônica a relação entre o sujeito e o registro social. No entanto, apresenta-se a problemática do desamparo do sujeito no campo social, o que faz com que esta harmonia seja questionada.

Freud (1929) passa a ver uma relação questionável entre pulsão e civilização, se caracterizando como conflitante, ou seja, um conflito que não mais seria ultrapassado ou curável. De forma que o sujeito não mais consegue se deslocar de sua posição originária de desamparo.

“Pode-se dizer, enfim, de maneira indubitável, que o discurso freudiano acreditava, na sua versão primeira, que o desamparo poderia ser curável pela psicanálise, mas que na sua última versão essa crença se mostrava insustentável, ingênua e presunçosa” – Birman (2005)

Birman aponta que a problemática do conceito de desamparo esteve presente em diversos momentos da tradição psicanalítica: “Assim, tanto pelo enunciado da pulsão de morte (FREUD, “Au-delà...”, 1995), em 1920, quanto pela formulação dos conceitos de angústia do real (FREUD, “Inhibition...”, 1973), em 1926, e de feminilidade (FREUD, “L’ analyse...”, 1986), em 1937, era sempre a questão do desamparo que estava em pauta.” (Birman, 2005). Portanto, a leitura que Joel Birman propõe para o conceito freudiano de desamparo, aponta que

não mais é possível curar o desamparo, de maneira que agora é necessário para o sujeito dominá-lo. Isto significaria construir destinos eróticos e sublimatórios para a pulsão. O que seria chamado como gestão do desamparo.

Pode-se afirmar que a obra freudiana “Mal-estar na civilização” seria, então, uma crítica sistemática aos pressupostos freudianos iniciais, que se sustentam na “moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa dos tempos modernos” (Birman, 2005), em que se acreditava na harmonia entre civilização e pulsão. Deste modo, com a noção de desamparo originário como algo estrutural, tudo isso se torna insustentável. Tornando possível uma nova leitura da inscrição do sujeito na civilização. Portanto, como reitera Birman (2005), é a partir do conceito de desamparo e de mal-estar na civilização que se torna possível revelar a emergência da fragilidade humana.

É possível, então, pensar que o aparelho psíquico diante do conceito de desamparo tem propensão originária para a descarga total e absoluta das excitações, em que o sujeito não teria o domínio efetivo destas, restando apenas a possibilidade de sua eliminação. Assim, o indivíduo buscaria um estado de quietude, através do apagamento de sua condição animada e o retorno à suposta condição anterior, de inanimado. Se não fosse pelo outro, o organismo estaria fadado a morte e a quietude, pois é o outro quem oferece os meios para construir outros destinos para a força pulsional. (Birman, 1999)

A vida, portanto, se caracterizaria pela ordem da transmissão, em que se fica uma dívida simbólica com aquele lhe transmitiu a vida. Dessa forma, por mais que o sujeito se constitua e consiga alcançar a maturação para manejar melhor os excessos psíquicos, ele ainda se encontra em uma posição de desamparo fundamental e dependência do outro. (Freud, 1915 *apud* Birman, 1999)

Assim, o desamparo e a dependência humana em relação ao outro se repetem novamente, ao longo de toda a existência humana. Birman (1999) afirma que “o registro psíquico do desamparo é algo de ordem originária, marcando a subjetividade humana para todo o sempre, de maneira indelével e insofismável” (pp. 39-40). Nessa perspectiva, se sustenta a importância da compreensão, da dimensão do desamparo por ser elemento que funda a subjetividade, tornando-se irrefutável e indiscutível.

Segundo Menezes (2012) é por conta do desamparo que o sujeito irá buscar uma maneira de se ligar ao objeto, com o intuito de apaziguar o sofrimento. Então, apoiando na obra freudiana, afirma-se que o laço que o sujeito estabelece ajudará no enfrentamento ao mal-estar, originado pela falta de garantias de ser e de existir do sujeito no mundo que é obrigado a uma renúncia pulsional como condição para viver em sociedade. O desamparo (desamparo fundamental) é a base no conflito entre as exigências pulsionais e as possibilidades de satisfação, sendo assim, constitutivo da condição subjetiva do humano. (Freud, 1926) E, a maneira que cada sujeito lida na tentativa de diminuir a angústia provocada pelo desamparo original é o que se é chamado como gestão do desamparo.

Na relação com o outro, o sujeito irá se deparar com a possibilidade de enfrentamento ou aprisionamento nas formas de viver seu desamparo. Assim, o desamparo, como estruturante e fundamental, permite que o indivíduo se conduza para um destino criativo ou se lance numa tentativa de fuga do desamparo e caia no aprisionamento diante do outro. Dessa maneira, a gestão do desamparo é essencial para viver em sociedade (Passos, Neves, Menezes, 2018).

Portanto, a partir dos autores citados, podemos entender o desamparo originário como parte da estrutura psíquica do sujeito, em que o ser acaba por depender inteiramente do outro, por conta dos excessos em que se encontra. Dessa forma, o outro auxiliaria na sobrevivência tanto física, como psíquica, de modo que o outro auxiliaria na formação de sua ordem vital. Diante dessa dependência e do mal-estar, o sujeito, então, se vê em posição de fazer um trabalho de gestão deste desamparo.

Então, pode-se pensar que, através deste conceito freudiano, o excesso vivido pelo sujeito como algo avassalador, poderia o levar a um estado próximo do desamparo originário. Esse estado estaria perto do desespero e do trauma daquele vivido pelo bebê, que é incapaz de remover o excesso com as próprias forças. Partindo dessa ideia, para o adulto, o estado de desamparo seria o protótipo dessa situação traumática de angústia. Em que, devido aos excessos, acaba por cair em um vazio. (Hanns, 1996 *apud* Passos, Neves e Menezes, 2018)

Quando se fala do desamparo como protótipo da situação traumática, pode-se entender que é nessa vivência que o indivíduo se aproxima do mais íntimo de sua singularidade, em sua forma mais nua e sozinha. Portanto, é possível relacionar o desamparo à solidão e ao sentimento de vulnerabilidade, em que o sujeito se encontra sozinho, impossibilitado de encontrar uma

saída para determinada situação em que se encontra. O desamparo poderia ser visto quase que como um pedido desesperado de se lançar ao outro diante dos excessos, com o intuito de buscar contorno para o psiquismo. (Santos e Fortes, 2011)

Resstel (2015), em seus estudos conclui que, em qualquer tempo, o indivíduo pode regredir e usar mecanismos de defesa arcaicos. Na tentativa de fugir do sentimento do desamparo, que como foi visto na obra freudiana não se supera, apenas é feito sua gestão, o sujeito pode voltar ao mundo infantil para tentar buscar o aconchego do objeto primário. Assim, poderíamos pensar que situações em que o sujeito é levado, pelos excessos, ao desamparo fazem com que este busque uma aproximação com seu objeto primário, aquele que o ajudou quando se encontrava, no início de sua vida, em desamparo. A partir disso e de todas as apropriações do conceito freudiano de desamparo faz-se possível pensar em uma articulação com a maternidade.

6 ARTICULAÇÃO ENTRE O DESAMPARO E A MATERNIDADE

Este trabalho buscou fazer um percurso que permitisse o entendimento de como o início maternidade poderia ser experienciado para algumas mulheres como algo conflituoso, sentido como um excesso. A partir disso e do conceito psicanalítico de desamparo desenvolvido, faz-se possível uma articulação entre a experiência e o desamparo.

Para isso, será usado como base de ilustração alguns recortes do livro “Mãe recém-nascida”, de Thaís Vilarinho (2019). A escolha do livro – quase um diário materno - pode ser entendida a partir de proposta do livro: criar um espaço para a recém-mãe. Espaço este livre de julgamentos e de muito aconchego. Se trata de uma mulher falando enquanto mãe. A autora mostra, através desta perspectiva, todas as emoções que a gravidez proporciona a mulher.

“É sempre sobre o bebê. Livros e mais livros sobre o bebê. Tem também diários e mais diários. Do bebê. Mas e a mãe que acabou de nascer? Aqui está. Algo para você. Algo que é meio livro, meio diário meio conversa entre amigas. É meio conforto. Meio direção para você se conectar com instinto e se reconectar com sua identidade. É meio choque de realidade, meio cafuné. É meio incentivo, meio desabafo.” (p. 15)

Este livro ao criar um espaço acolhedor para as mulheres, permite dar, justamente o que foi dito anteriormente neste trabalho: voz para as mulheres. Ao dar voz para suas experiências subjetivas e coletivas, este livro poderia ser o símbolo de uma resposta à todos os anos em que os sintomas, mal-estares e conflitos foram silenciados. Assim, “Mãe recém-nascida” poderia ser visto como um ato revolucionário para as mulheres frente a sociedade patriarcal.

Sabemos que o verbalizar, isto é, o colocar na ordem da linguagem, permite, senão curar o sofrimento, ao menos tomar consciência de sua origem e, portanto, assumir responsabilidade sobre. Assim, neste livro, ao abrir espaço para que as mulheres escrevam suas próprias aflições, em um formato próximo ao de um diário (em meio de relatos, da própria autora, sobre a relação conflituosa que é se tornar mãe), permite que aquilo que poderia tornar-se um não-dito, tenha lugar, tenha integração e que sua voz, finalmente, seja dita.

De início, pode-se pensar no próprio título do livro: “Mãe recém-nascida”, que indica uma clara relação com este trabalho, tendo em vista que assim como dito anteriormente, ao engravidar, não nasce apenas o bebê, nasce também uma nova mulher, agora mãe. Esta que abdica de seus próprios sonhos e desejos para abrir espaço para uma nova vida. Se tornar mãe

demanda, é um esforço e, assim como em um nascimento de um bebê, é repleto de angústias e excessos.

Ainda, a capa do livro, ilustrado por Thalita Dol (2019) é a imagem de uma mulher deitada em posição de feto, abraçada em seu bebê e dentro de um ninho. Os dois estão retratados nus e de olhos fechados. Essa imagem remete ao nascimento, nascimento dos dois, um enquanto ser humano, novo no mundo, e outra enquanto mãe. Há de ser possível pensar e questionar se este estado que os dois se encontram poderia ser um fator facilitador na aproximação e na relação dual entre mãe e filho.

A partir dessa concepção de maternidade enquanto nascimento para a mulher, este trabalho se propôs a analisar alguns trechos do livro em questão. A escolha dos relatos deu-se a partir do critério de expor aqueles que teriam maior relação com os temas aqui discutidos.

1) Vai ser mãe? (p. 21)

“Então prepare para se conhecer de verdade.

“Eu já me conheço, faço terapia há anos”. Garanto: você vai se assustar com a aula de autoconhecimento que a maternidade proporciona.

Vai se chocar com a quantidade de tombos e tropeços que você vai tomar, mesmo que tenha lido tudo sobre o assunto, feito psicanálise, curso de mindfulness e meditação transcendental. Vai se assustar com a sua força e fragilidade se unindo e se misturando a ponto de você não saber mais o que é uma e o que é outra.

A maternidade escancara cada detalhe escondido da nossa personalidade, da nossa história, da nossa identidade.

Abre portas, janelas, gavetas e até baús trancados a sete chaves. Ela tira a gente da caixa. Muda tudo de perspectiva. Nos coloca de frente com quem realmente somos e nem sabíamos.

Difícil explicar como um ser que pesa pouco mais ou pouco menos do que quatro sacos de açúcar pode ser tão poderoso.

Difícil explicar a preciosidade.

O tamanho do mergulho.

Damos de cara com a bebê que fomos, com a menina que éramos, com a adolescente que deixamos para trás. Damos de cara com a mulher que esta ali, refletida no espelho, diante dos nossos olhos.”

Ao longo deste trabalho foi possível observar, justamente, a gravidez como uma fase que possibilita a reelaboração de conflitos anteriores, evidenciando seu caráter regressivo para a grávida. Isso porque, a transparência psíquica, conceito proposto por Monique Bydlowski (1997), funcionaria como um mecanismo em que teria a saída de pensamentos pré-conscientes e inconscientes facilitada, de modo em que a mulher se encontraria em um estado de rebaixamento de suas defesas. Dessa maneira, pode-se dizer que a vinda de um bebê permitiria que aquilo que estava oculto achasse uma saída.

Tendo isto em vista, quando a autora relata neste trecho que a maternidade proporciona à mulher a oportunidade de se conhecer verdadeiramente e de entrar em contato com aquilo que estava escondido, ela está colocando diretamente, a partir de sua própria vivência, o que se foi estudado em teoria sobre os processos psíquicos. Poderia se pensar que ao relatar que deu de cara com suas versões anteriores, ela estaria se referindo aos seus conflitos antigos, que ao ter seu mecanismo de defesa rebaixado, teriam sido escancarados e possivelmente reelaborados. Assim, a autora iria de encontro com suas versões de Eu, que com o tempo foram se transformando. Possivelmente, o que deixou de estar encoberto seria sua relação com seus pais durante o triangulo edípico ou sua separação das relações simbióticas originais. A forma que a mulher reelabora a sua separação com seus pais tem influencia em sua adaptação ao novo papel, de ser mãe.

Vale pontuar que para saber sobre este ponto seria preciso escutá-la, mas, o que fica evidente e importante para este trabalho, é exatamente a possibilidade que a gravidez dá para a mulher: a possibilidade de se conhecer e de se haver com conflitos que, até então, estariam ocultos.

2) Ei grávida, o que você sente? (p. 32)

“Algumas não se sentem bem com o corpo, outras amam o corpo na gravidez.

Algumas relatam falta de desejo sexual, outras dizem que transam feito doidas.

Algumas se sentem angustiadas, outras se sentem em paz.

Algumas tem muito medo do novo e do desconhecido que está por vir, outras dizem que não veem a hora do bebê nascer.

Algumas relatam tristeza e dizem estar deprimidas. Outras se sentem muito felizes. Tem até algumas que sentem um misto de tudo isso.

Para o mundo, a gravidez é vista como um momento pleno, mas nem sempre as mulheres se sentem assim. E se você é uma delas, não se culpe. Procure entender o que acontece dentro de você. Não tenha medo de falar o que se passa aí dentro. Procure apoio, diálogo e troca.

Aceite as suas sensações. Elas são partes de você.”

Este estudo se esforçou em passar a noção de que cada gravidez é única e que a subjetividade da mulher deve ser respeitada. De modo a dar voz e a acolher aquilo que possa vir a ser um conflito. Assim, este trecho da página 32, com título de “Ei grávida, o que você sente?” revelaria, na voz de uma mãe, com sua experiência única de se tornar mãe e se haver com sua maternidade, aquilo que se foi estudado aqui.

Entendemos que a ambivalência é um algo originário e que há momentos em que se mostra acentuada, sendo a gravidez um destes momentos. Neste trecho, a autora trata disto. Ela traz a noção, de uma forma espontânea de como há movimentos contrários que perpassam a gravidez. Então, ela vai manifestando em oposição os possíveis sentimentos que as mulheres sentem. E, de forma a evidenciar como a gravidez e seus desdobramentos são únicos na vida da mulher.

Sobre o corpo, vê-se que cada um tem um significado e relação diferente para a grávida. Por isso a importância de ser reconhecido que cada mulher o sente de uma forma. O corpo que uma vez significou sensualidade e independência, passa a representar uma nova fase, repleta de mudanças e transformações. Portanto, como é dito neste trecho “algumas não se sentem bem com o corpo, outras amam o corpo na gravidez”, o corpo reflete a gravidez e o lugar e o que representa este bebê na vida da mulher.

Para além disso, pode-se analisar também proposta da autora em falar sobre esta fase, sem idealização e sem expectativas grandiosas. Algo que como vimos é essencial e libertador

para a grávida. Falar sobre as inúmeras relações e conflitos com a gravidez significaria dar voz para aquelas que por muito foram silenciadas.

3) Nevoeiro (p.64)

“Ninguém me via. Ninguém me entendia. Me sentia por trás de uma névoa.

Ficava ali, tentando lidar com todas as surpresas. Por que não me contaram? A névoa ia aumentando e eu ia me calando.

Por que ninguém fala sobre a mãe que, assim como o bebê, acabou de nascer? Se é ela quem cuida do bebê, o mais lógico seria que todos os envolvidos cuidassem dela e olhassem por ela, não é? Como não se importar? Como não convocá-la em primeiro lugar? Não faz sentido.

Eu ficava por trás das lágrimas, embaixo desses pensamentos, dos medos, da culpa, do cansaço. Completamente indignada com a falta de amor.

Era tudo cinza. A névoa não ia embora. Eu nunca tinha ouvido falar naquilo, então eu me sentia um ET. Uma mãe sem coração.

Mas isso não vai acontecer com você, porque eu vou te contar.

Vou te contar que é completamente normal que o amor pelo filho não aconteça em um passe de mágica, forte e arrebatador. Vou te contar que é normal sentir vontade de chorar e até arrependimento, principalmente nos momentos de esgotamento. Sentir-se vulnerável e frágil faz parte.

Vou te contar que amamentar não é como nas novelas. No início dói, muitas vezes sangra e é preciso muita garra.

Pode ser que não dê certo e, se não der, o mundo não vai acabar. Tudo vai ficar bem.

Vou te contar que provavelmente você sentirá falta da sua liberdade e isso não significa que você é ingrata. E que pedir ajuda é fundamental. Você não precisa fazer tudo sozinha, então aceite ajuda de familiares e amigos. A participação do pai é fundamental e necessária.

Fique apenas com a carga que cabe a você, ela já é imensa.

Traga para perto quem te afasta da névoa.

Deixe o Sol entrar.”

Badinter em seu trabalho “Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno” (1985) trouxe a noção de que o amor de uma mãe se daria como qualquer outro sentimento e não como algo grandioso e inscrito na natureza feminina. O amor materno é algo incerto, frágil e imperfeito. Entende-se, então, que esta antiga concepção teria sido construída por discursos masculinos, a partir de repressões culpabilizadoras.

Neste relato de título “Nevoeiro”, a autora permite através de sua própria experiência enquanto mãe, quebrar os paradigmas deste amor. Ela afirma que se sentia silenciada e apagada diante dos olhares para seu bebê e falta de amor com ela própria por parte dos outros. Em sua fala é possível entender que, assim como seu bebê, ela também acabou de nascer como mãe, portanto, também precisa de um olhar cuidadoso. Para além disso, esta mesma mãe ainda está aprendendo a se haver com seu bebê, portanto, também há momentos de esgotamento e arrependimento.

Assim, ao falar sobre seus próprios conflitos e angústias em frente ao seu bebê, a autora permite reescrever na história que ser mãe não significa em um primeiro momento amar seu bebê com todas suas forças. E que isso não é um problema. Pelo contrário, é normal e é preciso que todas as mulheres saibam disso, para que não se sintam culpadas e anormais em relação ao seu misto de sentimento.

4) Eu não nasci pra ser mãe (p. 71) – Maria Dinat

Eu cuidava de minhas bonecas (na verdade eu gostava de cortar o cabelo delas), mas isso é o mais próximo de ser mãe que eu fui um dia.

Tinha planos de ser, quem sabe depois de viajar o mundo, sair na capa da Forbes, beber todas as Ipas do Planeta.

Eu não nasci pra isso, e acredito que nenhuma mulher também, mesmo aquelas que sonharam desde sempre. Mesmo aquelas com instinto, mesmo as cancerianas.

Não tenho vocação pra isso, nem dom.

Ser mãe é um processo.

Longo e delicado.

Não tem livro que ensina sobre isso, nem um passo a passo.

E não me tornei mãe no exato momento que meu filho nasceu, eu fui aprendendo no decorrer das horas.

É difícil dormir num dia de um jeito e acordar mãe outro.

Por isso tem aquele chororô dos primeiros dias, por isso aquela baita culpa de pensar: por que eu fui fazer isso?

Ninguém nasce sabendo, mas chorando sim!

O choro que alerta, que acorda, que transporta.

Eu não nasci pra isso, mas me esforço para entender, como aula de física.

E conforme os dias passam, você pega os macetes, pega amor, vira bicho.

Daí sim você percebe que leva jeito, em talvez até se atreva a ser mãe de muitos.”

A mulher vem conquistando cada vez mais seu espaço na sociedade e, conseqüentemente, almejando conquistas além de unicamente ser mãe. Por muito tempo entendia-se que o destino da mulher era ser mãe e formar uma família. Hoje, há diversas outras possibilidades. A gravidez não mais é entendida como o único possível falo da mulher, isto é, aquilo que a faz se sentir completa. Ainda, o instinto materno que antes muito se acreditava, hoje se vê que não mais cabe.

Iaconelli (2012) permitiu entender que o instinto materno não passa de um mito, uma vez que na antiguidade as mulheres criariam seus filhos em conjunto, logo, já possuíam conhecimento de cuidados antes mesmo de seus próprios filhos nascerem. Atualmente, as mulheres, ao criarem seus filhos sem ajuda de uma comunidade extensa, se deparam com a dificuldade sobre o novo. Assim, elas, que antes acreditariam existir um instinto, se veem inseguras e assustadas.

Portanto, a partir dessas concepções, o relato com título de “Eu não nasci para ser mãe” permite observar, justamente, o olhar de uma mulher para além do desejo de ser mãe e, além disso, sua dificuldade em se entender neste novo papel. Ser mãe demanda esforço e aprendizado e conforme a autora fala “conforme os dias passam” que se aprende a ser mãe e se desenvolve

amor pelo bebê, o que como dito anteriormente, não é algo da natural e inscrito para as mulheres.

5) Relato da alma (p. 90) – Rih Oliveira

“14 meses totalmente submersa na minha maternidade.

14 meses foi o tempo da minha gestação para renascer.

A maternidade me virou do avesso, me lançou no abismo que há em mim.

Eu caí fundo, bem fundo achei que não conseguiria mais voltar.

Solidão. Silêncio. Escuridão.

Chorei, gritei, mas ninguém conseguia me escutar, entender.

Cheguei a um lugar onde me deparei com os meus piores pesadelos.

Me vi de frente com a minha essência mais pura! Me vi de frente com os meus medos, com as minhas fraquezas.

Lutei muito contra eles e por fim entreguei. Vivenciei todas as minhas dores para conseguir emergir com toda força que adquiri.

E agora consigo, enfim, dar o meu primeiro “sopro de vida”. 14 meses depois.

Ainda tentando, mesmo com uma recém-nascida me adaptar ao novo. Mas gostando do que hoje me tornei: eu.

Eu consigo. Eu como mãe. Eu como esposa.

Se tenho ainda medos?

Sim!

Mas aprendi a nadar em mim.”

Ao aprofundarmos os estudos, ao longo das obras de Freud, sobre o conceito de desamparo, se fez possível entender que este seria estruturante para o sujeito. De maneira a não se superar, apenas se aprende a gestar. Por vezes, o excesso poderia ser entendido como

avassalador, em que, frente a isso, o indivíduo buscaria um estado de quietude, para um suposto retorno a uma condição anterior e inanimada.

O estado de desamparo originário seria aquele em que o bebê se encontra, que diante de tantos estímulos desconhecidos e entendidos como excessivos, em que se vê em uma relação de dependência com o objeto primário. De modo que este outro o ajudaria a construir contornos em meio ao sentimento de falta de limites e excessos com o mundo. Quando se fala do estado de desamparo em adultos, fala-se, como dito anteriormente, da gestão deste, em que diante de determinadas situações, é necessário um esforço maior e, se eventualmente os excessos forem tantos que o sujeito acaba em um desamparo, ele se encontraria em um estado próxima da traumática do nascimento, em que se sente completamente vulnerável e solitário.

A proposta deste livro “Mãe recém-nascida”, como dito no início deste capítulo, é de trazer a perspectiva de uma mãe para outras e novas mães. Assim, em frente às mudanças que convocam a mulher para um novo momento de sua vida – o de se tornar mãe -, Thais Vilarinho (2019) traz a noção de nascimento para se tornar mãe. Nascimento este, que assim como o nascimento de um bebê, vem acompanhado de excessos.

Neste trecho de título “Relato de alma” (p.90) a autora fala de uma forma íntima e pessoal sobre seu “renascimento”, isto é, o seu nascimento enquanto mãe. Ao longo deste relato se vê que este renascimento se caracteriza por ser conflituoso de tamanha forma, que ela acaba por se sentir lançada em um abismo, repleto de solidão.

Pensando no desamparo, sabe-se que nessa vivência o sujeito se encontra no mais íntimo de sua singularidade, em sua forma mais nua e solitária, já que se encontra em um estado “oceânico”, em que para sair é necessário se lançar em um objeto que possa construir – ou reconstruir – seus limites psíquicos. Estar em um estado de desamparo é se encontrar na forma mais pura de vulnerabilidade psíquica. Para além disso, é diante do desamparo que Freud vê a fragilidade humana enquanto civilização, uma vez que o desamparo não se supera e o retorno para este estado poderia se dar frente a alguma situação vivida como excessiva. Ainda, poderia se pensar, juntamente, na transparência psíquica. Processo em que as grávidas têm o rebaixamento de seus mecanismos de defesa, isto é, assim como no desamparo, os limites se tornam nebulosos.

Então, retomando o relato, quando a autora descreve o estado em que se encontra, ela estaria justamente falando de um nascimento psíquico, que em um primeiro momento se viu desamparada, assim como seu próprio bebê. Os processos psíquicos que a gravidez propõe à mulher, com o intuito de convoca-la para a maternidade, somado a transparência psíquica, que rebaixa todos seus mecanismos de defesa e, todo o entorno em que a mulher se encontra, poderiam ser entendidos como os excessivos, em que levariam esta recém-nascida mãe ao estado de desamparo, assim como seu recém-nascido bebê.

Por último, não se pode deixar de notar a relação entre a última frase da autora: “aprendi a nadar em mim” com a metáfora que Freud usa para explicar o desamparo: seria como um sentimento oceânico. Aprender a nadar em si seria se haver com seu próprio oceano, com seu próprio transbordamento que rompe limites.

6) Para os avós recém-nascidos (p. 211)

“Sei que vocês estão emocionados e radiantes nessa nova função. Acham netinha coisa mais linda do planeta. Estão morrendo de amores e não conseguem tirar os olhos dele.

Mas olhe com cuidado, olhem com atenção. Olha quem está por trás do bebê limpinho e alimentado. Olha quem tem perdido noite de sono. Olhem quem teve o corpo transformado. Olhem para quem já esteve no colo como filha.

Ela pode até querer se fazer de durona, mostrar que dá conta de tudo que não precisa de ajuda de vocês. Eu sei, estive a pouco no lugar dela. Mas acredite, não é nada fácil. Tudo é novo e delicado. Ao mesmo tempo que a coisa mais maravilhosa do mundo, dá medo.

Por isso feche os olhos, puxe da memória as emoções e os sentimentos de quando ela nasceu.

Faz tempo?

Não tem problema, se esforce. Devem existir muitas lembranças daquela época. Lembre-se da insegurança e da sensação de terem arrancado a sua liberdade. Lembrem da fragilidade.

Seus pais não te ajudaram em nada? Mas olha que coisa boa, agora você tem chance de fazer diferente.

E lembre-se, mesmo que vocês tenham passado por essa fase com tranquilidade pode ser que não aconteça assim com ela. Cada um sente de forma diferente.

O principal: ser pai e mãe é completamente diferente de ser avô e avó.

Por isso, olhem pra ela, lembrem-se na bebê que vocês carregaram no colo pela primeira vez, há muitos anos. Ela precisa de vocês. Talvez mais do que naquela época.

Cheguem com calma, com abraço, com um cafuné. Sem regras. Sem certo ou errado. Cheguem limpos, abertos e armados somente de amor.

Não critiquem, validem as dores e as alegrias. Diga que vocês entendem. Faça um chá quente um bolo bem gostoso. Seja sorriso e mão estendida.

Lá no fundo ela conta muito com vocês.

Quem tem o papel de cuidar do bebê é ela. Mas quem cuida dela?

Eu sei, ela cresceu, mas como mãe acabou de nascer.”

Ainda pensando em uma mãe que acaba de ter seu filho e, conseqüentemente, se encontra em um estado de desamparo, seria possível pensar que esta mãe estaria em um movimento de regressão, fazendo uso de mecanismos de defesa arcaicos. O que significa que na tentativa de fugir deste estado, voltaria para seu mundo infantil, em busca de seu objeto primário, sendo este na maioria das vezes sua mãe, aquela que além de proporcionar a vida, também abre o caminho para que a filha se torne mãe.

Neste trecho “Para os avós recém-nascidos” a autora faz o que parece ser uma carta aberta, em que aconselha os pais da recém-mãe. Ao fazer um movimento de sugestão para um olhar mais atento por parte dos avós a autora revela a necessidade da mulher em voltar para o aconchego de seu objeto primário.

Thais Vilarinho escreve de forma natural e autêntica o que parece ser apenas uma dica para os avós. A fundo, em sua escrita cheia de metáforas e intimista, nota-se a presença nítida da teoria psicanalítica. Quando a autora questiona quem cuidaria da mãe que acaba de nascer, ela estaria mais uma vez aproximando esta mulher de um estado de desamparo, que busca o amparo de outro.

A partir desta ilustração, o que parecia ser apenas uma articulação entre dois temas, se mostrou extremamente real e próximo da experiência de uma mulher enquanto mãe. E, além disso, mostrou sua urgência em ser dita, já que a própria autora traz de forma espontânea vivências que remetem aos conceitos estudados neste trabalho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao final deste trabalho, percebe-se que a tentativa de verificar se haveria relação entre os processos psíquicos que envolvem o início da maternidade e o conceito freudiano de desamparo mostrou-se verdadeira. Isso a partir da construção – e desconstrução – de concepções da maternidade para a psicanálise. Então, no trabalho se seguiu um percurso que, em um primeiro momento, mostrou que a ideia de desejo, instinto e amor na maternidade não seria algo inscrito e natural para a mulher. E que essa noção somente permitiu anos de silenciamento para as mulheres.

Após essa compreensão, tratou-se de apresentar quais seriam os processos psíquicos presentes na gravidez, que seria o momento inicial da maternidade e aquele que convoca o corpo e o psiquismo para o novo. Nesta fase a mulher começaria a se haver com a ideia de ser mãe e de dar início para uma nova fase de sua vida. No entanto, para além das expectativas, esse período é acompanhado de conflitos, angústias e ambivalência. A mulher se encontra em uma posição vulnerável e fragilizada. Pelos anos de silenciamento, falar sobre o misto de emoção em relação ao seu filho é muito raro, então, a mulher se vê completamente solitária. Também, é neste momento em que a mulher se encontra em um estado com seus mecanismos de defesa rebaixados, o que torna esta fase propícia para a reelaboração de conflitos anteriores, como por exemplo suas as relações simbióticas originárias e o complexo de Édipo. Fazendo com que a mulher se encontre ainda mais fragilizada sensível. O que poderia ser visto e sentido como excessos.

A gravidez seria um momento em que a ambivalência se acentua, fazendo com que a mulher se ache em um misto de sentimentos. Diante das transformações de seu corpo, a mulher vê a nova fase que a espera, sendo que para isso terá que abdicar de uma vida anterior. Para além disso, o corpo que antes simbolizava a condição de independência e desejo, agora se torna um completo estranho. Os sintomas que, a cada trimestre da gestação, vão se alterando também seriam a expressão do inconsciente, que permitiriam à grávida uma forma de expressão.

Ainda, vale pontuar que em meio a todos estes conflitos, há as expectativas acerca de seu bebê. Tornar-se mãe, para a grande maioria é o encontro de desejos (conscientes ou inconscientes) com o parceiro. Portanto, há também o prazer em gerar uma vida. A autora do livro “Mãe recém-nascida” também traz essa noção em seus relatos. Sendo que dois trechos são

em homenagem aos seus filhos e neles comemora suas vidas e pontua sobre sua vontade de ter sido mãe.

Após este percurso, foi estudado o que seria o conceito freudiano de desamparo, uma vez que, ao longo das obras de Freud este foi se alterando. Tendo isso em vista, em um primeiro momento, desamparo foi entendido como o estado em que o bebê se encontraria logo após o seu nascimento e estaria intimamente ligado a dependência física e motora de um outro. Depois, com a virada da segunda tópica e do olhar de Freud para a sociedade, foi postulado que o desamparo seria algo estruturante do sujeito, de forma que denunciaria a fragilidade da civilização. Assim, o desamparo seria algo em que seria gestado e não superado. Podendo em momentos de mais excessos levar o sujeito a um retorno do estado de desamparo.

A solidão da mulher grávida e recém-mãe que este trabalho se propõe a pensar seria, justamente, devido ao conflito para se tornar a mãe. Já que isso não se daria de um dia para o outro e sim, através do tempo, prática e confiança na relação. Falar sobre este momento pré-amor materno ainda é tabu em nossa sociedade, fazendo com que as mulheres se sintam ainda mais culpadas por algo que faz parte do processo de se tornar mãe. Além disso, o estado a que este trabalho pensa que as mulheres poderiam se haver torna este momento ainda mais vulnerável e frágil. Então, aquelas que não são acolhidas e amparadas se veem em um momento delicado.

Os não-ditos para a psicanálise seriam aquilo que não se teve espaço para ser formulado, nem liberado ou integrado. E ao falar sobre alguma questão conflituosa, seria possível pensar que possibilitaria colocar em curso aquilo que se encontra estagnado. O que pensamos neste trabalho seria, além de analisar se caberia a relação entre a maternidade e o desamparo, também colocar em palavras aquilo que não costuma ser dito pelas recém-mães.

Por fim, a partir da ilustração literária do livro “Mãe recém-nascida”, se tornou possível a articulação da maternidade e do desamparo. O livro se dá em um formato próximo a de um diário, em que a autora, através de breves relatos, conta sobre suas angústias e conflitos em relação a sua própria maternidade. A autora propõe-se acolher e acalmar as mães que leem este livro. Portanto, é a partir de seus trechos que se tornou clara a relação da maternidade e do desamparo.

Desse modo, o livro de Thais Vilarinho e este trabalho chegam a um ponto convergente, pois tem como objetivo elucidar e dar voz para as mulheres que por muito tempo foram silenciadas de seus sentimentos. Falar sobre a maternidade e sobre suas dificuldades se torna libertador e essencial, ainda mais em uma ótica psicanalítica - que tem como caráter o estudo do inconsciente e a importância em se considerar a subjetividade de cada sujeito. A atualidade tem mudado e as mulheres vem conquistando cada vez mais seu espaço e, junto a isso, se torna necessário a desconstrução de qualquer questão que as aprisione.

Em conclusão, este trabalho poderia ser visto como potente, uma vez que não se encontrou trabalhos nacionais que tratassem desta relação entre maternidade e desamparo. Portanto, além da dificuldade em encontrar trabalhos teóricos, também se enfrentou a dificuldade em achar uma ilustração que abarcasse esse tema. Muito provável que seja em decorrência do silenciamento a qual as mulheres foram submetidas. Algo que vale pontuar é que o livro escolhido para ilustrar este trabalho, “Mãe recém-nascida” é do ano de 2019, ou seja, um livro recente. O que mostra como falar/escrever sobre o tema e estes conflitos é algo novo para as mulheres.

Então, o que poderia ser proposto para um próximo trabalho em continuação deste seria, justamente, ouvir as mulheres. Isto é, uma pesquisa prática em que as mulheres poderiam relatar como foi o seu “nascimento” enquanto mãe. Isto, tornaria possível acesso às situações e experiências que as mulheres passam e como se sentem nesta nova fase. De modo que, assim, frente à enunciar as suas angústias e conflitos, as mulheres-mães poderiam tomar uma posição ativa e não mais passiva, silenciada e solitária. Além disso, poderia se pensar em estudar se este estado a qual a mãe se encontra, tão próximo de seu filho, possibilitaria uma maior conexão entre os dois. Tendo em vista que os dois se encontram em um estado de solidão e esvaziamento, necessitando do apoio de seus respectivos objetos primários. Ou seja, a díade mãe e bebê, poderia ser atravessada pelo estado próximo de desamparo que os dois indivíduos se encontram, o que possivelmente poderia proporcionar algum tipo de facilitação na vinculação entre ambos.

Por último, escrever este trabalho foi de muita potência para mim como mulher e como psicóloga. Estudar sobre este tema possibilitou me ver um passo a frente em relação a angústias e conflitos que ecoam nas mulheres e, como profissional, este saber proporciona um lugar de ainda mais acolhimento. Como futura mãe, ter o conhecimento sobre o processo que é se tornar

mãe me parece libertador. Portanto, vejo este tempo de estudo acerca deste tema como necessário e enriquecedor.

8 REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. M. O. **Presença/ausência materna e os processos de subjetivação**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia - PUC Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31313/31313.PDF>

AZEVEDO, M. K.; MELLO NETO, G. A. R. **O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud**. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 67-75, abr. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692015000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 maio 2020.

BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira. 1985.

BIRMAN, J. **A dádiva e o Outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano**. *PHYSIS: Ver. Saúde Coletiva*, 9(2), 9-30, 1999.

BIRMAN, J. **O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: a Psicanálise à Prova do Social**. *PHYSIS: Ver. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15 (Suplemento):203-224, 2005.

BORSA, J. C. **Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério**. 2007. 11 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

CLEMENS, J. A. **(mal) dita maternidade: a maternidade e o feminino entre os ideais sociais e o silêncio**. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em:<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/135263/334781.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 4 junho de 2021

COSTA, P. R. G. **Feminilidade e maternidade no discurso contemporâneo**. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 49, p. 163-168, jul. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000100016&lng=pt&nrm=iso. acessos em 16 maio 2020.

FREUD, S. Conferência XXXIII: **Feminilidade** (1933 [1932]). *In: Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 113-134. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. **Sexualidade feminina** (1930). *In S. Freud*, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 257-279). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XXVIII.

FREUD, S. **Inibições, sintomas e angústia** (1933). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Vol. XXVIII.

- GIANLUPI, A. G. F. **Tornar-se mãe: a maternidade da gestação ao primeiro ano de vida do bebê.** 2003. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6041/000435644.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- HILFERDING, M. P. T.; Vianna, H. B. **As bases do amor materno.** São Paulo: Escuta, 1991.
- IACONELLI, V. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna.** 2012. 129 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-07052013-102844/publico/iaconelli_do.pdf. Acesso em 10 maio 2020.
- LABAKI, M. E. P. **Ter filhos é o mesmo que ser mãe?** J. psicanal., São Paulo, v. 40, n. 72, p. 75-87, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352007000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 14 jun. 2020.
- LACAN, J. **O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957).** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. (Campo Freudiano no Brasil).
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- MARIN, I. S. K. **Sujeito, desamparo e violência.** Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 2, n. 3, p. 75-88, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547141999000300075&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 maio 2020. <https://doi.org/10.1590/1415-47141999003005>.
- MEIRA, A. C. **Dos impasses da maternidade a uma verdade indizível: Uma leitura psicanalítica sobre a feminilidade.** 2010. 108 f. Tese (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2010. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/alessandra_meira.pdf. Acesso em: 30 maio 2020.
- MENEZES, L. S. **Desamparo.** 2ª. edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.
- MOREIRA, L. B. **Gravidez: ser mulher, tornar-se mãe.** 2017. 21 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Programa de Aprimoramento Profissional - Pap, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/ses-34500>. Acesso em: 10 maio 2020.
- PASSOS, C. F.; NEVES, A. S.; MENEZES, L. S. **Prolegômenos do desamparo na psicanálise.** Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, v. 21, n. 3, p. 525-544, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142018000300525&lng=en&nrm=iso. Acesso em 31 maio 2020.

PENTEADO, P. A. **Construção Social da Maternidade**. Revista Brasileira de Terapia de Família, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 23-34, 2012. Disponível em: <http://abraterf.org.br/2019/wp-content/uploads/2019/09/Revista-Vol4.pdf#page=23>. Acesso em: 23 jun. 2020.

RESENDE, D. K. **Maternidade: uma construção histórica e social**. 2017. Tese (Bacharel) – Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Revista de Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 2, n. 4, jul/dez 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135263>.

RESSTEL, C. C. F. P. **Desamparo psíquico**. In: Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 87-104. Available from SciELO Books.

ROHM, T.; RADAELLI, J. **A Relação mãe-criança e a feminilidade**. Psicologia Argumento, [S.l.], v. 34, n. 85, 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23316>. Acesso em 16 maio 2020.

SANTOS, M. V. O. **Modernidade e desamparo: reflexões a partir da teoria freudiana do social**. 2013. 106 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2013. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5961/1/MARCUS_VINICIUS_OLIVEIRA_SANTOS.pdf. Acesso em: 30 maio 2020.

SANTOS, N. T. G.; FORTES, I. **Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro**. Psicol. USP, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 747-770, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010365642011005000033&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em 18 abril 2021.

SILVA, J. S. B. **Luto, Melancolia e Ressentimento na Maternidade**. 2006. 24 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Labio, Fortaleza, 2006.

SZEJER, M.; STEWARD, R. Nove meses na vida da mulher. Casa do Psicólogo. 1997

TAGUCHI, M. C. M.; PIO, D. A. M. **Uma leitura psicanalítica da vivência da maternidade nos casos de aborto e prematuridade**. Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande, v. 6, n. 2, p. 56-61, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2014000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 out. 2020.

VILARINHO, T. **Mãe recém-nascida**. São Paulo: Buzz Editora, 2019.

VIOLANTE, M. L. V. **Desejo de ter filhos ou desejo de maternidade ou paternidade?** J. psicanal., São Paulo, v. 40, n. 72, p. 153-164, jun. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352007000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 out. 2020.

ZAFIROPOULOS, M. **A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan**. Reverso, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, p. 15-24, set. 2009. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952009000200002&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 16 maio 2020.